

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS

SOBRE AS CONDIÇÕES DA  
VOCALIZAÇÃO DA LATERAL  
PALATAL NO PORTUGUÊS

Evelyne Dogliani Madureira

BELO HORIZONTE

1987

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS

S O B R E   A S   C O N D I Ç Õ E S   D A  
V O C A L I Z A Ç Ã O   D A   L A T E R A L  
P A L A T A L   N O   P O R T U G U Ê S

Evelyne Dogliani Madureira

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

B E L O   H O R I Z O N T E

1987

Ao Professor Doutor MARCO ANTONIO DE OLIVEIRA

cuja orientação segura pautou-se  
pelo apoio e estímulo constantes

o meu agradecimento e amizade.

Meus agradecimentos:

a todos aqueles que, direta ou indiretamente, me ajudaram neste trabalho; e de forma especial,

- . à minha família, pelas várias formas de solidariedade;
- . às professoras Eunice Maria das Dores Nicolau e Carolina do Socorro Antunes Santos, pela carinhosa ajuda na revisão do texto desta dissertação;
- . aos meus informantes, pela disponibilidade demonstrada;
- . à CAPES e ao CNPQ, pelas bolsas de estudo que me foram concedidas durante o curso;
- . à Maria Elizabeth Isoni Mendes que se responsabilizou pela datilografia desta dissertação.

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora constituída dos Senhores:

*Genice Maria das Lozes Maciel*

Prof.

*Angela Ly Leal*

Prof.

*Marco Antonio de Oliveira*

Prof. Dr. Marco Antonio de Oliveira  
- Orientador -

*Luís Belchior Mendes*

Faculdade de Letras da  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, de de 1987.

## VÍCIO DA FALA

Para dizerem milho dizem mio  
Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia  
Para telhado dizem teiado  
E vão fazendo telhados

Oswald de Andrade

BIBLIOTECA

## R E S U M O

Este trabalho estuda a variação que se observa, no português, entre a consoante lateral-palatal [ʎ] e a semivogal palatal [y].

Os dados, nos quais se apóia esse estudo, foram extraídos do português oral utilizado por falantes de Belo Horizonte. Esses dados foram submetidos a uma análise quantitativa e qualitativa que evidenciou um processo de difusão lexical.

Tal processo foi analisado considerando fatores estruturais e sócio-ideológicos, tidos como possíveis condicionadores da variação em estudo.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	1
CAPÍTULO 1 - PRELIMINARES TEÓRICOS	
Introdução -----	5
1. A teoria da variação -----	5
2. A teoria dos neogramáticos e a teoria da difusão lexical -----	9
2.1 Conclusões -----	15
3. Hipótese de trabalho -----	16
3.1 A hipótese e a teoria da difusão lexical -----	16
4. O princípio da difusão lexical e as regras fonológicas variáveis -----	17
5. Quadros ideológicos: origem e atualização -----	18
6. Ideologia e produção lingüística -----	21
NOTAS -----	23
CAPÍTULO 2 - A VARIÁVEL LINGÜÍSTICA	
Introdução -----	25
1. Caracterização fonética da variável -	25
2. O processo de vocalização nas línguas românicas -----	26
2.1 O francês -----	27
2.1.1 A variação [ ɪ ] ~ [ y ] no francês atual	29

2.2 O espanhol -----	30
2.3 O romeno -----	32
2.4 O italiano -----	32
2.5 O português -----	33
3. Os parâmetros considerados na análise -----	36
3.1 Os parâmetros estruturais -----	37
3.1.1 Vogal precedente e seguinte	37
3.1.2 Tonicidade -----	38
3.1.3 Item lexical -----	38
3.2 Os parâmetros não-estruturais---	38
3.2.1 Grupo sócio-econômico ----	38
3.2.2 Sexo -----	38
3.2.3 Idade -----	39
3.2.4 Estilo de fala -----	39
NOTAS -----	40

### CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Introdução -----	44
1. Características sócio-econômicas dos informantes -----	44
1.1 Sobre a distinção dos grupos observados -----	46
2. A pesquisa de campo -----	48
2.1 A entrevista -----	48
2.2 A exposição de gravuras -----	49
2.3 O teste de percepção lingüística-	49

3. A classificação dos dados -----	49
4. A análise dos dados -----	50
NOTAS -----	51

#### CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS PARÂMETROS ESTRUTURAIIS

Introdução -----	53
1. Segmento precedente -----	53
2. Segmento seguinte -----	57
3. A tonicidade -----	60
4. O item lexical -----	60
NOTAS -----	66

#### CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOS PARÂMETROS NÃO-ESTRUTURAIIS

Introdução -----	69
1. Os parâmetros não-estruturais -----	69
2. Os parâmetros não-estruturais e a difusão lexical -----	73
2.1 A atuação dos parâmetros não- estruturais no primeiro bloco de dados -----	74
2.2 A atuação dos parâmetros não- estruturais com exclusão do primeiro bloco de dados -----	78
2.3 A atuação dos parâmetros não- estruturais no segundo bloco de dados -----	82
2.4 A atuação dos parâmetros não- estruturais no terceiro bloco de dados -----	84

2.5 A questão do estilo -----	89
3. Os parâmetros não-estruturais e as - pectos de determinados itens lexicais	90
3.1 A questão da conotação -----	93
3.1.1 A conotação e o uso de de - terminados itens lexicais -	95
NOTAS -----	98
CONCLUSÃO -----	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	103

## ÍNDICE DAS TABELAS

Tabela 4.1 :	Segmento precedente: efeito da vogal na aplicação da regra	53
Tabela 4.2 :	Segmento precedente: efeito das vogais anteriores e posteriores -----	54
Tabela 4.3 :	Segmento precedente: efeito das vogais anteriores e posteriores com exclusão da vogal [ a ] -----	54
Tabela 4.4 :	Segmento precedente: efeito das vogais anteriores e posteriores, com exclusão do item <u>trabalhar</u> -----	55
Tabela 4.5 :	Segmento precedente: comparação entre <u>trabalhar</u> e outros itens com [ a ] precedente ---	56
Tabela 4.6 :	Segmento precedente: comparação: <u>trabalhar</u> e outros itens com vogais posteriores -----	56
Tabela 4.7 :	Segmento precedente: oposição entre <u>trabalhar</u> e o conjunto dos dados restantes -----	56
Tabela 4.8 :	Efeito da vogal seguinte -----	57
Tabela 4.9 :	Segmento seguinte: efeitos das vogais posteriores e anteriores -----	58
Tabela 4.10:	Segmento seguinte: efeito de altura das vogais -----	58
Tabela 4.11:	Segmento seguinte: efeito das vogais posteriores e anteriores com exclusão das vogais altas -----	59

Tabela 4.12:	Segmento seguinte: efeito da altura das vogais, com exclusão do item <u>trabalhar</u> -----	59
Tabela 4.13:	Efeito da tonicidade -----	60
Tabela 4.14:	Distribuição do léxico em blocos de frequência ----	61
Tabela 5.1 :	Efeito dos parâmetros grupo social, sexo, idade e estilo -----	69
Tabela 5.2 :	Comparação dos efeitos de sexo feminino e masculino por grupo social -----	70
Tabela 5.3 :	Comparação do efeito de idade por sexo -----	71
Tabela 5.4 :	Comparação do efeito de idade por sexo e grupo social -----	71
Tabela 5.5 :	Efeito dos parâmetros grupo social, idade, sexo e estilo no primeiro bloco de dados -----	74
Tabela 5.6 :	Efeito do parâmetro sexo por grupo social no primeiro bloco de dados ---	75
Tabela 5.7 :	Efeito da faixa etária por grupo social no primeiro bloco de dados	75
Tabela 5.8 :	Efeito da idade por sexo no primeiro bloco de dados -----	76
Tabela 5.9 :	Efeito da idade por sexo e grupo social no primeiro bloco de dados	76

Tabela 5.10 :	Efeito dos parâmetros não-estruturais excluindo o primeiro bloco de dados -----	79
Tabela 5.11 :	Efeito do parâmetro sexo por grupo social, excluindo o primeiro bloco de dados--	80
Tabela 5.12 :	Efeito dos parâmetro idade por sexo, excluindo o primeiro bloco de dados -----	80
Tabela 5.13 :	Comparação do efeito de grupo social por sexo e por idade excluindo o item <u>trabalhar</u> .-----	81
Tabela 5.14 :	Efeito dos parâmetros não-estruturais no segundo bloco de itens lexicais -----	82
Tabela 5.15 :	Efeito de sexo por grupo social no segundo bloco de itens lexicais -----	83
Tabela 5.16 :	Efeito de idade por sexo no segundo bloco de itens lexicais	84
Tabela 5.17 :	Efeito dos parâmetros grupo social sexo, idade, estilo no terceiro bloco de itens lexicais -----	85
Tabela 5.18 :	Efeito do parâmetro grupo social por sexo no terceiro bloco de itens lexicais -----	86
Tabela 5.19 :	Efeito do parâmetro sexo por idade no terceiro bloco de itens lexicais-----	86
Tabela 5.20:	Aplicação da regra de vocalização em cada item lexical, por grupo social	91

## ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 : Comparação do efeito de sexo por idade -----	72
Gráfico 2 : Comparação do efeito de sexo por grupo social -----	73
Gráfico 3 : Efeito do parâmetro sexo por idade, no primeiro bloco ( <u>trabalhar</u> ) -----	77
Gráfico 4 : Efeito do parâmetro sexo por grupo social no primeiro bloco ( <u>trabalhar</u> ) -----	78
Gráfico 5 : Efeito de grupo social por blocos de itens lexicais --	87
Gráfico 6 : Efeito de sexo por blocos de itens lexicais -----	88
Gráfico 7 : Efeito de idade por blocos de itens lexicais -----	88
Gráfico 8 : Efeito de idade por sexo no três blocos de itens le xicais -----	89

I N T R O D U Ç Ã O

Fazer sociolinguística não é uma questão de gosto. É uma necessidade. Necessidade de compreender as origens da língua e sua evolução. Necessidade de compreender a prática linguística individual como a expressão de um dos vários aspectos que a prática linguística social supõe.

Fazer sociolinguística é, portanto, tentar desmistificar a tradicional dicotomia do individual e do social que se reflete na linguística através da dicotomia saussuriana da "langue" e da "parole" e se afirma na competência e na performance chomskianas.

Fazer sociolinguística é querer reconhecer que somos todos, em certos momentos, idiossincráticos no uso da língua e, a partir daí, tentar compreender que a idiossincrasia geral é o primeiro aspecto que nos padroniza: a variação é o padrão. Esse padrão é aquele que se define num nível abstrato: o ideológico, que representa o ponto de convergência de duas atividades básicas do ser humano - o trabalho e o pensamento - e do qual a língua é uma das atualizações.

Abordar a variação linguística, a partir do nível abstrato dos quadros ideológicos, pretende ser o objetivo mediato deste trabalho.

A pesquisa que será aqui apresentada tem por objeto a descrição da variação da consoante lateral palatal [ʎ] no português, especificamente num grupo de pessoas da cidade de Belo Horizonte.

A variação mais conhecida de [ʎ] é a sua vocalização, ou seja, a transformação da lateral palatal [ʎ] na semivogal palatal anterior [y] quando em posição intervocálica. Por exemplo, palavras como PALHA, MULHER, apresentam a pronúncia "padrão" [paʎa] [mu'ʎeh] e, paralelamente, a pronúncia seguinte: [paʎa], [mu'yeh].

Uma outra variação registrada é aquela que se realiza através da lateral alveolar [l], que aparece, por exemplo, no item MULHER, que representamos foneticamente por [mu'le].

Essa última variação, geralmente rotulada como característica regional, não constituirá objeto do presente estudo que terá como principal preocupação analisar a primeira das variações mencionadas, buscando verificar:

1. se os casos em que se realiza a vocalização [ y ] indicam a aplicação de uma regra variável ou a existência de um processo de difusão lexical;
2. se essa variação reflete um processo estável ou uma mudança em progresso;
3. que tipo de diferenças sociais envolvem o fenômeno.

O trabalho se organiza da seguinte maneira:

O primeiro capítulo é uma descrição dos vários aspectos teóricos relacionados a esta pesquisa. O segundo é uma descrição da variável lingüística no português e em outras línguas latinas. Nesse capítulo, são também especificados os parâmetros de análise. O terceiro capítulo apresenta a caracterização geral dos informantes e a metodologia empregada na coleta, classificação e análise de dados. O quarto e o quinto apresentam, respectivamente, a análise estrutural e a análise não-estrutural dos dados. A conclusão apresenta uma avaliação dos objetivos e da hipótese de trabalho.

C A P Í T U L O 1

PRELIMINARES TEÓRICOS

## INTRODUÇÃO

Este capítulo compreende seis seções. A primeira seção resume as características básicas da teoria da variação. Na segunda são discutidas duas hipóteses de mudança fonológica: a teoria dos neogramáticos e a da difusão lexical. Na terceira apresento minha hipótese de trabalho e sua relação com a teoria da difusão lexical. A quarta seção contrapõe a teoria da difusão lexical às regras fonológicas variáveis. A quinta define dois tipos de ideologia e, finalmente, a sexta relaciona ideologia e produção lingüística.

### 1. A TEORIA DA VARIAÇÃO

Esta pesquisa tem como orientação básica a teoria da variação, tal como foi desenvolvida por William Labov nos anos 60.

Tal teoria se apóia no pressuposto de que a língua, por ser um fenômeno social, supõe variação; estudar a língua é, portanto, estudar a variação. É nesta língua em variação que está o objeto de uma lingüística que se quer ciência. E neste sentido, para William Labov, o termo sociolingüística é redundante.

Referindo-se ao trabalho lingüístico dos últimos cinquenta anos, com o seu ápice na elaboração da gramática gerativa, Labov reconhece que o nível de abstração a que chegaram os estudos lingüísticos tanto é produtivo quanto irreversível. Não se trata, portanto, de negá-lo e, sim, de inserí-lo num campo de estudos mais amplo. (1976 : 262):

Quiconque entend progresser dans l'étude du langage doit se montrer capable de travailler à ce niveau d'abstraction. Mais en même temps, on peut difficilement chasser la conclusion du sens commun, selon laquelle, en fin de compte, la linguistique doit avoir pour objet l'instrument de communication qu'emploie la communauté.

O pensamento corrente de que estrutura supõe homogeneidade não se coaduna com o fato de que as pessoas continuam a se comunicar naqueles períodos em que a

língua passa por um estágio de menor sistematização. Weinreich (in W.L.H. 1968 : 101) propõe:

The solution, we will argue, lies in the direction of breaking down the identification of structuredness with homogeneity. The key to a rational conception of language change - indeed, of a language itself - is the possibility of describing orderly differentiation in a language serving a community. We will argue that natively like command of heterogeneous structures is not a matter of multidialectalism or "mere" performance, but is a part of unilingual linguistic competence .

Língua supõe heterogeneidade e é a estrutura desta heterogeneidade que deve ser constatada e compreendida.

É dessa constatação da heterogeneidade que nascem os conceitos de variável e variantes lingüísticas. Fernando Tarallo (1985 : 81) resume com objetividade esses conceitos:

Em toda comunidade de fala são freqüentes as formas lingüísticas em variação (...) a essas formas em variação dá-se o nome de "variantes". "Variantes lingüísticas" são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de "variável lingüística".

A teoria da variação implica em toda uma metodologia cuja finalidade é atingir o seu objeto de estudo: o vernáculo. Essa metodologia supõe técnicas específicas que vão desde a elicitação do "corpus" de dados lingüísticos até a análise dos mesmos.

O "corpus" é obtido basicamente através de entrevistas nas quais o informante tem consciência de que sua fala está sendo gravada. Contraditoriamente é este aspecto que representa o grande empecilho na busca do vernáculo, o que Labov sintetiza na definição do paradoxo do observador (1976 : 290):

(...) le but de la recherche linguistique au sein de la communauté est de découvrir comment les gens parlent quand on ne les observe pas systématiquement; mais la seule façon d'y parvenir est de les observer systématiquement.

Labov busca a solução para esse paradoxo utilizando técnicas que desviem a atenção do falante da língua que ele está usando. Essas se resumem, basicamente, no recurso de levar o informante a narrar experiências pessoais que envolvam emoção; espera-se que nesses momentos ele preste menos atenção à própria fala. Dessa forma, Labov estabelece que há no decorrer de uma entrevista, uma gradação de estilos de fala, que vai do mais formal ao menos formal, os estilos sendo rotulados de acordo com o maior ou menor grau de atenção prestado à fala.

Com os procedimentos descritos acima Labov pretende captar a variação comumente observável na fala de um mesmo indivíduo. Por outro lado, ciente de que a fala varia tanto num mesmo indivíduo, quanto de um indivíduo para outro, ele procura coletar dados que sejam representativos de todos os segmentos da comunidade. Nesse sentido, e baseado no fato de que os indivíduos se diferenciam em termos da produção linguística, quanto a origem geográfica, grupo sócio-econômico, sexo e idade, Labov estabelece esses aspectos como parâmetros a serem considerados durante a análise dos dados. Dessa forma a teoria da variação acrescenta à análise estrutural uma análise não-estrutural.

A combinação dos parâmetros não-estruturais entre si permite caracterizar a variação sob dois pontos de vista diferentes: o da evolução linguística e o da avaliação social que é conferida à variação.

Sob o primeiro ponto de vista, o da evolução linguística, a variável pode ser classificada como em progresso ou estável. Uma variante está em progresso quando está se expandindo para o campo de atuação de outra. A maneira de verificar esta expansão consiste no uso simultâneo de informações sincrônicas e diacrônicas. Se estudos diacrônicos revelam um crescimento do uso da variante do passado para o presente, então, estamos diante de uma primeira evidência de sua possível expansão. Essa se rotula de evidência do tempo real.

Se no estudo sincrônico a variante apresenta um percentual maior de uso na fala dos jovens, temos aí a evidência do tempo aparente. Quando a evidência do tempo real se apresenta aliada à evidência do tempo aparente, estamos diante de uma mudança em progresso. Quando não, considera-se estável a variação. Se o quadro de ocorrência da variante for exatamente o oposto do que foi descrito acima, considera-se que ela está em extinção. (2)

Sob o segundo ponto de vista, o da avaliação social, a variante se classifica como: indicador, marcador e estereótipo. Labov (1976 : 419), ao estabelecer essa classificação, define:

Les INDICATEURS sont des traits linguistiques insérés dans une matrice sociale et socialement différenciés par âge ou par groupes, mais qui ne présentent aucune variation stylistique et n'ont apparemment qu'un faible pouvoir d'évaluation (...)

Les MARQUEURS (...), en revanche, présentent une stratification stylistique autant que sociale. Quoiqu'ils puissent rester inconscients, ils agissent régulièrement dans les tests de réaction subjective. Les STÉRÉOTYPES, enfin, sont des formes socialement marquées, notoirement étiquetées (...).

Grande parte das pesquisas realizadas por Labov focaliza marcadores, enquanto a variante aqui estudada caracteriza-se como um estereótipo.

Finalmente, o estudo da variação lingüística tem por meta a compreensão dos aspectos básicos da mudança lingüística, compreensão essa que, segundo Labov, se resume na busca de solução destes três problemas:

- . o problema da transição, isto é, o caminho percorrido por uma mudança lingüística de uma etapa dada até a etapa imediatamente posterior;
- . o problema da inserção, que consiste em se estabelecer as correlações entre certos elementos do sistema lingüístico e os do sistema não-lingüístico do comportamento social.

o problema da avaliação, que busca estabelecer a ligação entre as atitudes e aspirações dos indivíduos e seu comportamento lingüístico.

São várias as hipóteses levantadas na busca de solução desses problemas. No campo da fonologia, especificamente na análise da mudança, duas hipóteses têm se mantido ao longo dos anos: uma diz que a mudança sonora é regular, outra, que a mudança se faz de palavra para palavra. Tratarei desses aspectos na seção a seguir.

## 2. A TEORIA DOS NEOGRAMÁTICOS E A TEORIA DA DIFUSÃO LEXICAL

A hipótese que se destaca até os nossos dias é a dos neogramáticos, segundo a qual a mudança sonora se dá ao nível dos fones, sendo, portanto, uma mudança regular. Para Bloomfield (1961 : 355 e 363):

The begining of our science was made by a procedure wich implied regularity of phonetic change.

The neo-grammarian hypothesis implies that sound change is unaffected by semantic features and concerns merely the habits of articulating speech-sounds

A visão da mudança sonora, segundo a concepção dos neogramáticos, tem se mantido, com o auxílio das noções da analogia e do empréstimo para aqueles casos onde falha a regularidade.

Paralelamente, os trabalhos dos dialetologistas sugeriam que a mudança se faz por palavra, uma concepção que encontra seu radicalismo maior no conhecido "dictum": "cada palavra tem sua própria história".

O século XX encontra os lingüistas ainda divididos entre os dois princípios, e a questão que perdura é a seguinte: as duas teorias são, de fato, mutuamente excludentes?

Em 1981 William Labov se propôs a justificar a validade de cada uma delas, num modelo de descrição linguística que ele apresentou em Los Angeles, no Encontro Anual da Sociedade Linguística da América. Esse texto, que recebeu o título "Resolving the Neogrammarian Controversy" é baseado em evidências extraídas de suas próprias pesquisas, acrescidas das informações trazidas por trabalhos anteriores ou da mesma época, como os de Chen e Wang (1977) sobre o chinês.

Segundo Labov, Chen e Wang (1977 : 270) propõem um modelo alternativo à proposta dos neogramáticos nos seguintes termos:

We hold that words change their pronunciations by discret perceptible increments (i.e. phonetically abrupt) but severally at a time (i.e. lexically gradual ... 150)

Labov (1981 : 270) acrescenta:

They call this conception LEXICAL DIFFUSION. They do not deny that sound change may be regular: in this respect lexical diffusion may predict no less ultimate regularity than the neogrammarian principle however.

"The difference lies rather in the description (and ultimately, the explanation) of the change mechanism, i.e. how the change is actually implemented (151)."

Labov registra, em seus próprios trabalhos, evidências tanto de um processo quanto do outro. Por exemplo, o alçamento de [oy] apresenta todas as características de um processo foneticamente gradual e lexicalmente abrupto, e, o caso da mudança de /a/ [frouxo] para [tenso], na costa leste norte-americana, apresenta-se como um exemplo de difusão lexical.

A respeito desse último, Labov (1981 : 286) exemplifica:

All vowels followed by voiced stops are lax, except for mad, bad and glad which are always tense. The three words involved are all common affective

adjectives and so we might want to construct some kind of general rule to account for them, But sad another common affective adjective is lax along with all other short  $\alpha$  words ending in /d/ This is massively regular for the entire Philadelphia speech community — a clear case of lexical diffusion arrested in meed-career at some point in the past.

Labov (1981 : 287) sintetiza as suas pesquisas nas seguintes conclusões sobre /a/ [frouxo] e [tenso], fenômeno já registrado por Trager (1940) e Cohen (1970).

The Middle Atlantic differentiation of tense ( $\alpha^h$ ) and lax / $\alpha$ / is not a complex phonological rule, operating on a single underlying form, but a lexical split into two phonemes, a distribution of two dictionary entries. This conclusion rests on three types of evidence.

Os três tipos de evidência que ele apresenta são:

- 1) As distribuições são imprevisíveis, ou seja, é impossível prever se, dadas as duas palavras "jazz" ou "wagon", o falante vai pronunciá-las com /a/ [tenso] ou [frouxo].
- 2) A dificuldade de aquisição do "short  $\alpha$  pattern": a aquisição do padrão tem como condição mínima não só ser nascido na Filadélfia, como também ter pais nascidos ali. (1981 : 289):

The only linguistic data which we must acquire from our parents, and cannot get elsewhere are the first dictionary entries. It seems reasonable to conclude that the short  $\alpha$  pattern is such a set of dictionary entries. It seems reasonable to conclude that Philadelphia children acquire mad with an underlying tense vowel, sad with an underlying lax vowel.

- 3) Discriminações categoriais das classe de "short  $\alpha$ ", isto é, nem todas as palavras que contêm o "short  $\alpha$ " apresentam variação.

Labov ilustra também, nesse texto, o processo de mudança por difusão lexical em progresso; se por um lado, em bad, mad e glad o /a/ é sempre tenso, ao passo que nos outros adjetivos ele é sempre frouxo, o estudo da variação de /a/ na Filadélfia mostra que, considerados os itens "MANNER" "CAMERA" "PLANET" "DAMMAGE" "FLANEL", todos estão mudando de /a/ [frouxo] para [tenso], com PLANET na liderança.

Labov pretende, portanto, demonstrar que certos processos de mudança se dão por difusão lexical, outros, pelo princípio neogramático. De acordo com esse princípio há uma lei fonética que atua no componente fonológico de uma gramática gerativa tal como aquela estabelecida por Chomsky em 1965 — são as regras de reajuste fonético. Na teoria da difusão lexical a mudança se dá num outro nível da gramática, o do léxico — são as mudanças fonológicas abstratas a que Labov se refere. (3)

Parece-me, todavia, que a compreensão do processo de difusão lexical por Labov (1981) difere daquela de Wang (1969): segundo Wang um processo de difusão lexical pode atingir todo o léxico ao passo que, para Labov, parece que isso não ocorre. Essa noção é explicitada por Wang (1969 : 10) quando ele trata do falso resíduo:

Since living languages are constantly undergoing change, we should expect to find many seeming exceptions to changes which have not completed their course. These forms are not true residues, (...) since in time the appropriate phonological changes will reach them and make them regular.

Portanto, para Wang, o fato de encontrarmos todo o léxico atingido por determinada mudança não implica necessariamente que o processo se tenha dado pelo princípio neogramático.

Para Labov, entretanto, o fato de não encontrar resíduo no léxico e de haver condicionamento fonético são evidências de que o princípio neogramático está atuando. Ele cita como exemplo (1981 : 284) o alçamento de (oy) na Filadélfia:

All available evidence points to phonetically conditioned, gradual sound change in the spirit of the Neogrammarian proclamation.

Mas, como vimos em Wang (69), difusão lexical não supõe necessariamente resíduo. Ele faz, inclusive, uma afirmação (1969 : 22) que poderia ser usada para justificar a ausência de resíduo no alçamento de (oy), citado por Labov, e que parece ser uma mudança incipiente:

The longer sound changes take the more likely it is that they will intersect, compete, and leave a residue.

A questão do condicionamento fonético é outro aspecto que Labov (1981 : 279) aborda de forma diversa:

Lexical diffusion implies a rejection of the idea that phonetic conditioning fully accounts for sound change.

A esse respeito, diz Wang (1969 : 22):

Sound change may begin sporadically in the vocabulary(...); it then consolidates itself and becomes regular but conditioned; and the conditions may eventually be simplified until, finally, it becomes an unconditioned change.

Portanto, o condicionamento fonético não impede que o processo se dê por difusão lexical.

Parece-me, então, que o princípio da difusão lexical pode, de certa forma, incorporar o princípio neogramático na sua prescrição de regularidade. Wang (1969 : 10) se manifesta a esse respeito:

(...) the neogrammarian doctrine must be modified. A sound change is regular if no other changes compete against it.

Dessa forma podemos conceber que todo processo de mudança fonológica (seja ela regular e foneticamente condicionada, ou não) é regulamentado pelo léxico, podendo resultar, ou não, em reestruturação lexical.

Outra questão decorrente do princípio de difusão lexical é a de se saber o que determina que certos itens incorporem a mudança antes de outros. A frequência de ocorrência de certos itens tem sido apontada como um fator de favorecimento da incorporação da mudança (cf. Labov - 1981 : 279).

Essa mesma questão é proposta por Khrishnamurti (1976 : 16), que, no seu estudo das línguas dravídicas também identifica um processo de difusão lexical na regra de "deslocamento apical":

What kind of lexical items become the early victims of a sound change? Other structural conditions for the implementation of a sound change being equal, is there anything in the semantic domain of certain lexical items, or in their frequency, that makes them more vulnerable to change than others?

Khrishnamurti acrescenta ao fator frequência os aspectos semânticos dos itens lexicais e registra:

The Dravidian data presentend here seem to show that the lexical items registering the earliest traces of apical displacement refer to concepts fundamental to the communication and culture of the tribal groups, viz. 'two, moon/month, sacrifice, open, enter' etc.

Infelizmente, Khrishnamurti não se estende nessa questão. Parece-me, entretanto, bastante provável que fatores extra-lingüísticos ligados a aspectos culturais interfiram no processo de mudança fonológica, por difusão lexical.

## 2.1 CONCLUSÕES

A contraposição das duas teorias abre um espaço imenso para novas indagações dentro dos processos de mudança fonológica.

Considerando-se o poder de interferência que a linha sóciolingüística norte-americana exerce sobre inúmeros centros de estudos lingüísticos, inclusive o Brasil, e imaginando que, dentro desta mesma corrente de influência, a teoria da difusão lexical, ao ser apadrinhada por Labov, vai encontrar grande espaço de divulgação para pesquisas novas ou antigas, considero que as perspectivas que depreendemos, hoje, desta teoria, não representam mais do que um esboço de sua real dimensão. O fato de se reconhecer no item lexical um poder de regulamentação da aplicação de uma regra fonológica representa, talvez, já que o item lexical é o elemento mais concreto através do qual o falante tem consciência da própria língua, um passo a mais, quiçá decisivo, para a identificação dos fatores extra-lingüísticos que interferem no processo de mudança fonológica.

## 3. HIPÓTESE DE TRABALHO

Quando do meu projeto de dissertação, eu considerava que a aplicação da regra de vocalização era favorecida não somente por determinados grupos sócio-econômicos, como também por contextos em que a produção lingüística estivesse associada à vivência de sentimentos e emoções: situação afetiva, por oposição a situação intelectual.

Eu já observava (e, por isso, não foi apenas para constatar este fato que eu realizei esta pesquisa), que são os grupos mais baixos da escala social brasileira, portanto, os menos escolarizados, que mais aplicavam essa regra. Mas eu observava também, e minha curiosidade residia nesse aspecto, que os mais favorecidos também dizem [y]. Como exemplo, eu citava aquele motorista que fala [pa'yasv] quando é desrespeitado no trânsito, mas diz [pa'kasv] quando está no circo.

Portanto, situações afetivas costumam ter realizações

lingüísticas diversas das situações mais intelectivas. Este fato motiva a seguinte questão: porque a forma lingüística, às vezes, usada, na situação afetiva, pelos mais favorecidos, é exatamente aquela propagada pelos menos favorecidos?

Além disso, se é verdade que a situação afetiva desencadeia formas lingüísticas diversas daquelas das situações intelectivas é possível que esse processo tenha um prolongamento a nível lexical, no conteúdo afetivo discernível através de algumas conotações de cada item lexical. Esta possibilidade de equivalência entre conteúdo afetivo de uma situação de fala e conotações diversas dos itens lexicais levou-me à formulação da seguinte hipótese:

Como a regra de vocalização se realiza com mais frequência nos grupos mais baixos da escala social — sendo, portanto, estigmatizada — sua propagação (se houver) para um grupo social superior se dá através de expressões ou itens caracterizadamente portadores de mensagens afetivas, basicamente aqueles de conotação pejorativa.

### 3.1 A HIPÓTESE E A TEORIA DA DIFUSÃO LEXICAL

É a teoria da difusão lexical que me permite, em parte, levantar uma hipótese como aquela apresentada na seção 3. Essa hipótese implica o fato de que o falante tenha algum tipo de controle sobre as formas lingüísticas que usa. É difícil, entretanto, conceber um controle, por parte do falante, sobre os fonemas que emite, pois, ao que tudo indica, o falante não tem consciência dos mesmos. Labov (1981 : 275) constata que, no caso dos estereótipos — que são alvo de correção social — a correção se faz nos itens, e não nos sons. Nesse sentido o princípio neogramático, segundo o qual a mudança fonológica é lexicalmente abrupta e foneticamente gradual, é incompatível com a hipótese proposta em 3. Por outro lado, ao sugerir que uma mudança fonológica é propagada e, portanto, controlada pelo léxico, o princípio da difusão lexical sugere indiretamente que o controle da propagação de uma mudança está no falante, já que essa propagação se dá exatamente através daquele elemento pelo qual o

falante percebe sua língua: o item lexical. Nesse sentido o princípio da difusão lexical é compatível com a hipótese proposta.

#### 4. O PRINCÍPIO DA DIFUSÃO LEXICAL E AS REGRAS FONOLÓGICAS VARIÁVEIS

Uma das questões que se destaca dentro da teoria da variação é aquela que trata da relação entre fatores sociais e regras fonológicas abstratas. Labov (1976 : 428 : 430) destaca este problema:

Les facteurs sociaux peuvent-ils agir sur des règles abstraites de grammaire et de phonologie? (...) les faits indiquent que la réponse à notre deuxième question doit être négative, mais suggèrent néanmoins qu'il peut s'établir assez rapidement un lien entre les variations sociales et les changements linguistiques profonds, à mesure qu'une règle, de variable qu'elle était, devient catégorique. Il faut noter que la signification sociale est tributaire de la variabilité.

Portanto, Labov consegue estabelecer uma relação entre fatores sociais e regras fonológicas abstratas, desde que essas se tornem regras categóricas. A relação entre fatores sociais e regras variáveis não fica esclarecida dentro da teoria da variação. Marcellesi e Gardin (1974 : 153) apontam para o mesmo problema:

Il n'est pas question de nier la valeur des constats effectués par Labov, mais de mettre en cause leur niveau de pertinence, la valeur explicative de la notion de règle variable. Si le comportement est déterminé par des facteurs sociaux, il doit, s'il s'agit d'un comportement mental, être médiatisé par un processus mental identifiable (...)

Parece-me que a teoria da difusão lexical pode ser útil para elucidar uma parte da questão: essa teoria permite que estabeleçamos a interferência direta do falante no processo de mudança lingüística, na medi

da em que ele exerceria um controle da aplicação da regra fonológica, através de uma seleção lexical. Esse aspecto supõe, entretanto, um processo mental (como sugerem Marcellesi e Gardin) pelo qual o falante associaria a regra (abstrata) a certos itens lexicais (concretos) e não a outros. É a definição desse processo mental que poderia elucidar a segunda parte da questão. Esse processo mental, que mediatiza a interferência dos fatores sociais sobre o comportamento lingüístico dos indivíduos, situa-se, na minha opinião, no nível dos quadros ideológicos, como veremos na seção a seguir.

## 5. QUADROS IDEOLÓGICOS: ORIGEM E ATUALIZAÇÃO

A ideologia subjacente aos atos de um indivíduo está tão presente na sua forma de se vestir, de comer, quanto na sua maneira de falar. Quanto mais esses atos rotineiros se alteram, ao passar de situações públicas a situações íntimas, mais se evidencia a atualização alterada de quadros ideológicos diferentes num mesmo indivíduo.

É importante ressaltar aqui o que entendo por ideologia. Faço uso, para isso, da definição encontrada em Lalande (1983 : 459):

D - Pensée théorique qui croit se développer abstraitement sur ses propres données, mais qui est en réalité l'expression de faits sociaux, particulièrement de faits économiques, dont celui qui la construit n'a pas conscience, ou du moins dont il ne se rend pas compte qu'ils déterminent sa pensée. Très usuel dans ce sens dans le marxisme.  
 "...une idéologie, c'est-à-dire un ensemble d'idées vivant d'une vie indépendante et uniquement soumis à ses propres lois. Le fait que les conditions d'existence matérielle des hommes, dans le cerveaux desqueles se poursuit ce processus idéologique, déterminent en dernière analyse le cours de ce processus ce fait reste entièrement ignoré d'eux, sinon c'en serait fini de toute idéologie." Engels, Ludwig Feuerbach.

O que estou querendo dizer, enfim, é que um mesmo indivíduo pode viver submisso a, pelo menos, dois quadros ideológicos diferentes. O primeiro, construído de acordo com a interpretação dada a " fatos sociais e

econômicos", seria diretamente originado da posição que o indivíduo ocupa no processo de produção. Nesse sentido, quanto mais distantes são as posições que dois indivíduos ocupam no processo de produção, mais distintos serão seus quadros ideológicos. O segundo quadro ideológico, construído de acordo com a interpretação dada a "condições de existência material dos homens" seria diretamente originado dos aspectos instintivos da vida do ser humano, basicamente do instinto de sobrevivência.

Uma distinção equivalente à que acabo de apresentar é proposta por Harnecker (1976 : 102):

As ideologias, como todas as realidades sociais, só se tornam inteligíveis através de sua estrutura (...) e por isso pode ser objeto de um estudo objetivo (...). O estudo objetivo da ideologia nos faz ver que, apesar de ser uma realidade que se encontra difusa em todo o corpo social, pode ser dividida, não obstante, em regiões particulares, (...) ideologia moral, religiosa política, jurídica, estética, filosófica, etc. (...) Em cada uma das regiões anteriormente assinaladas a ideologia pode existir sob duas formas: 1) forma mais ou menos difusa, mais ou menos irreflexiva ou IDEOLOGIAS PRÁTICAS, 2) forma mais ou menos consciente, reflexiva, sistematizada ou IDEOLOGIAS TEÓRICAS.

Valendo-me dos termos utilizados por Harnecker, passo a chamar o primeiro quadro ideológico proposto acima de ideologia teórica e o segundo, de ideologia prática.

A ideologia prática (originada dos aspectos instintivos da vida do ser humano) é aquela que, por ser comum a todos os indivíduos, perpassa o "continuum" social, sendo mediatizada pela ideologia teórica (originada da posição que o indivíduo ocupa no processo de produção).

Nos grupos sociais mais baixos (o grupo dominado) o indivíduo, ao exercer sua função dentro do processo de produção, não faz mais do que buscar as condições para garantir a própria subsistência e nem sempre as encontra. Os objetivos desse indivíduo, ao exercer essa função, são os mesmos que ele tem ao exercer

atividades relacionadas aos aspectos instintivos de sua vida, tal como o ato de comer. Nesse sentido, a ideologia teórica desse indivíduo se identifica bastante com a estrutura de sua ideologia prática.

Nos grupos sociais mais altos (o grupo dominante) o indivíduo, ao exercer a sua função dentro do processo de produção, busca e encontra as condições para garantir a própria subsistência e, além disso, condições de garantir outros interesses que extrapolam o quadro da sobrevivência. Nesse sentido, sua função dentro do processo de produção dá origem a uma ideologia teórica cuja estrutura se torna bem diversa da estrutura de sua ideologia prática.

Entretanto, como é pela função dentro do processo de produção que os indivíduos se caracterizam socialmente, o fato de, num grupo, a ideologia teórica ter características de sua ideologia prática e no outro isso não ocorrer faz com que a distinção social entre os dois grupos sociais extremos seja vivenciada e percebida da seguinte maneira: o grupo dominante tem uma ideologia teórica, o grupo dominado tem uma ideologia prática. No entanto, como vimos, o nível ideológico não é vivido conscientemente e, dessa forma, tal distinção é concretizada no nível do consciente, do palpável (por oposição ao que é inconsciente e abstrato) da seguinte maneira: o grupo dominante demonstra habilidades reflexivas; o grupo dominado, não. As consequências dessa distinção a nível do consciente são perturbadoras, principalmente para o grupo dominante. Se é pelas suas habilidades reflexivas que esse grupo se distingue do grupo dominado e se mantém na posição de dominante, o indivíduo desse grupo reage a suas características irreflexivas, no que essas o identificam com o grupo dominado. Numa primeira instância, esse indivíduo pode reagir por uma tentativa de negação dessas características; numa segunda instância, já que não pode negá-las (afinal, é próprio da espécie humana dormir, comer e reproduzir), ele procura pelo menos, controlá-las por meio de suas habilidades reflexivas. As regras de civilidade que, quando muito extremadas, são motivo de ironia dentro de segmentos do próprio grupo dominante não representam mais que uma exacerbação da atitude controladora desse grupo. Tanto que esse controle é mais rígido em situações públicas do que em situações íntimas. Resumindo, as distinções originais entre ideologia prática e ideologia teórica, que são recupe-

ráveis no interior de qualquer grupo social, acabam sendo distintivas dos grupos entre si: a primeira, como característica do grupo dominado, a segunda, do grupo dominante. A produção lingüística reflete essa distinção como veremos a seguir.

## 6. IDEOLOGIA E PRODUÇÃO LINGÜÍSTICA

Na medida em que a língua se incorpora a todas as atividades do ser humano, sejam elas reflexivas ou irreflexivas, ela é também reflexo de uma ideologia prática e de uma ideologia teórica. A dificuldade em se avaliar as origens e manutenção da variação lingüística e da mudança lingüística (que representa a etapa final de um processo de variação) parece-me dever-se ao fato de ser sempre a língua abordada e estudada em dois campos de estudo distintos: aquele que relaciona língua e pensamento e aquele que relaciona língua e fatores sociais. O primeiro tem sido, até os nossos dias, muito mais explorado. Labov, ao enveredar pelo segundo, tem consciência disso (1976 : 361):

La route qui mène du langage à la pensée est depuis longtemps fréquentée: les psychologues du langage ont toujours occupé une place de choix dans la littérature lingüistique (...) En revanche l'influence qu'a exercé Durkheim sur Meillet n'a été, semble-t-il, qu'une sorte d'accident historique qui ne s'est pas renouvelé.

Por outro lado, tanto uns estudos quanto os outros recebem as abordagens as mais variadas. O fato é que os estudos que associam língua e pensamento não distinguem essa relação por grupos sociais. Esta relação parece ser sugerida por Bakhtin (1986) cuja obra apresenta na sua introdução a seguinte afirmação de Yaguello (p.14).

...Bakhtin se interessa, primeiramente, pelos conflitos no interior de um mesmo sistema. Todo signo é ideológico: a ideologia é um reflexo das estruturas sociais, assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua.

É em termos desta relação que vou abordar a questão da produção lingüística e ideologia.

Já que o grupo social dominado é caracterizado como tendo uma ideologia prática, toda forma lingüística nova, ao ser propagada por esse grupo, será associada a experiências irreflexivas (ligadas ao instinto de sobrevivência) que, convém lembrar, passam por uma tentativa de controle ou sublimação por parte do grupo dominante. Conseqüentemente, o grupo dominante na tentativa de se distinguir do grupo dominado, evitará toda forma lingüística nova propagada por esse grupo (4). Por outro lado, não podendo eliminar as experiências irreflexivas, o grupo dominante procura controlá-las. Esse controle é mais rigoroso nas situações públicas (sociais) do que nas situações íntimas (individuais). A produção lingüística passa por esse mesmo controle, nas mesmas situações.

Pode-se dizer, então, que o espaço menos favorável para que o indivíduo do grupo dominante controle as formas lingüísticas que o identificam com o grupo dominado é aquele no qual se verifica maior aproximação entre os dois grupos. Um desses espaços é a situação afetiva que se inclui entre as atividades instintivas do ser humano, que podem ser controladas, mas não anuladas, e que, por isso mesmo, igualam os indivíduos. Acredito que, para o indivíduo do grupo dominante, igualar-se significa ter aquelas características que este grupo atribui ao grupo dominado, ou seja, significa ser irracional, irreflexivo. Assim sendo, este indivíduo incorpora à sua fala formas lingüísticas propagadas pelo grupo dominado, apenas naquelas situações nas quais ele próprio se comporta irreflexiva e irracionalmente. Nesse sentido, é possível que situações negativas (de raiva, por exemplo) que são mais comumente associadas à irracionalidade do que as positivas (de amor, por exemplo), sejam as primeiras a desencadear no grupo dominante uma forma lingüística estigmatizada por este.

Eu sugiro, então, que este comportamento seja também observável a nível do léxico, através daquele aspecto do item que remete à situação afetiva, ou seja, através da conotação positiva ou negativa do item.

Acredito que o fato de concebermos a variação lingüística (que não é fruto da nossa vontade e nem tampouco se dá por acaso) como a alternância de diferentes quadros ideológicos possa trazer novas bases à nossa compreensão dos processos de mudança lingüística.

NOTAS DO CAPÍTULO 1

- (1) Ver, a este respeito, Labov (1976 : 288 - 296)
- (2) Labov (1976) inclui um terceiro fator como característica da mudança em progresso: o padrão curvilíneo da variante. O padrão de uma variante é curvilíneo quando a sua frequência mais alta se registra nos grupos sócio-econômicos centrais da comunidade. Entretanto, Oliveira (1983) mostra que a condição do padrão curvilíneo é improdutiva em comunidades de estratificação social diferente da norte-americana. Segundo Oliveira, na sociedade brasileira, por exemplo, o padrão de uma mudança em progresso descreve uma linha ascendente que vai dos grupos sócio-econômicos mais altos da escala social brasileira para os mais baixos. É a partir dessa constatação que eu digo, à p. 8 que a mudança em progresso se caracteriza exclusivamente pela evidência de tempo real associada à de tempo aparente.
- (3) Segundo Labov, os dois tipos de processos se distinguem por uma série de características. As mudanças que se dão pelo princípio neogramático apresentam condicionamento fonético definido, avaliação social; são, além disso, predizíveis e passíveis de serem aprendidas, não apresentando exceções lexicais, nem condicionamento gramatical. As mudanças que se dão pelo princípio da difusão lexical destacam-se por características exatamente opostas às referidas acima.
- (4) Kroch (1978 : 18) refere-se a este tipo de comportamento do grupo dominante, relacionando-o a fatores ideológicos sem todavia aventar, na questão ideológica, as causas da distinção entre os dois grupos extremos da sociedade. Em Kroch, o controle que o grupo dominante exerce na própria produção linguística toma um caráter muito mais consciente do que parece ter de fato.

C A P Í T U L O 2

A VARIÁVEL LINGÜÍSTICA

## INTRODUÇÃO

Neste capítulo será apresentado uma descrição da variável [ʎ], visando a sua caracterização sincrônica e diacrônica em línguas latinas. A primeira seção consiste numa descrição fonética da variável. A seção 2 apresenta um resumo do processo de vocalização da variável no português e em outras línguas latinas. A seção 3 descreve os parâmetros considerados na análise dos dados desta pesquisa.

### 1. CARACTERIZAÇÃO FONÉTICA DA VARIÁVEL

A variável (lh) apresenta, no português falado no Brasil, as seguintes variantes:

[ʎ] consoante lateral palatal

[l] consoante lateral alveolar

[ɣ] semivogal palatal

A consoante lateral palatal, geralmente representada por [ʎ] (cf. Schane 1975: 39), será, por questões técnicas, representada doravante por [ɮ] neste trabalho.

Um estudo dessas variantes requer, em primeiro lugar, uma descrição do fonema [ɮ] que se instaura no português desde o latim vulgar, quando a lateral alveolar [l] se palatalizou nos grupos [l + y].

Carton (1974 : 159) distingue o som palatal [ɮ] do som palatalizado [lʏ] através da definição de Straka:

Apico-prédorsale - Alvéolaire type l' ( ly) palatalisé  
(mouillé) russe dans vali Dorsale-palatale - Type ɮ  
(ʎ) espagnol dans caballo, llave etc.

Idêntica distinção àquela adotada por Carton é sugerida por Cagliari (1981 : 28 - 29):

Alguns falantes usam [ li ] onde outros usam uma lateral palatal. Exemplos: olho [ o $\lambda$ w ] [ oliw ]  
filho [ fi $\lambda$ w ] [ filiw ]

Há também confusão entre os dois tipos de realização fonética mencionados acima, onde, palavras que têm uma lateral dental seguida de uma vogal anterior fechada são pronunciadas como uma lateral palatal por alguns falantes. É o caso, por exemplo, de: óleo [ ɔliw ] [ ɔ $\lambda$ w ], família [ familia ] [ fami $\lambda$ a ] (...)  
A lateral palatal portuguesa tende em geral a ter uma articulação palatal anterior sendo às vezes pronunciada na própria região palato-alveolar o que a torna mais semelhante a uma lateral alveolar palatalizada e causando, não raramente, confusões do tipo assinalada acima.

É provavelmente essa identidade de pronúncia que leva Pontes (1973 :16) a optar pela representação fonética [ l<sup>y</sup> ] para o seu quadro de fonemas:

Eliminamos do quadro de fonemas, sempre visando à simplicidade e à economia do sistema, dois fonemas que figuram em análises anteriores: as palatais lateral (= lh) e nasal (= nh). A primeira foneticamente [ l<sup>y</sup> ], lateral alveo-palatal interpretamos como sequência /ly/ de acordo com um padrão comum na língua, isto é, consoante seguida de semivogal, em vista de não existir, na língua coloquial, o contraste que a escrita sugere do tipo ÓLEO-OLHO, que se pronunciam da mesma maneira. (1)

As alterações fonéticas da variante padrão [ l̥ ] registram-se nas várias línguas originadas do Latim. Paralelamente, o processo de vocalização, apontado para o português na Introdução deste trabalho, repete-se em várias destas línguas, caracterizando-o como fenômeno românico e não exclusivamente português.

## 2. O PROCESSO DE VOCALIZAÇÃO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Entre as línguas românicas que apresentam vocalização da lateral palatal destacam-se o francês e o espanhol.

O romeno e o italiano, assim como o português registram o mesmo fenômeno de forma mais restrita.

## 2.1 O FRANCÊS

No francês o fonema [ ʎ ] apresentou uma forma variante [ y ] que, nos fins do século XVIII se instaurou como forma "padrão".

A origem e realização do fonema lateral palatal se caracteriza nessa língua, segundo Dauzat (1950 : 39 - 41 - 43) da seguinte maneira:

La tendance palatalisante s'affirma du jour où le latin fut parlé par un ensemble de populations non latines (...)

Les phénomènes qui résultent de ces palatalisations sont assez peu stables, en dehors de ʎ et surtout de n mouillés; ils tendent soit à se simplifier g' en ʎ mouillé, ʎ mouillé en y (...)

Le passage de l+y, n+y à ʎ mouillé, n mouillé (sons stables) devait être effectif dès IV<sup>e</sup> siècle.

Como vemos, o século IV dá origem ao som palatal que no final do século XVIII irá se vocalizar. Carton (1974 : 158) ilustra:

pālea > pa ʎ (e)

(...) le passage > j est à peu près accompli à la fin du XVIII<sup>e</sup>, sauf dans quelques provinces.

Nesse espaço de tempo, ou seja, a partir do século IX a língua francesa passa (cf. Dauzat 1950) por um período de suspensão dos processos de palatalização. Esse fato deveu-se às invasões dos germânicos, po-vo que desconhecia qualquer processo de palatalização. A suspensão do processo atingiu principalmente aqueles grupos que mais se prestavam à palatalização, a saber ly e ny, conforme atesta Dauzat (1950 : 57, 65):

Le groupe ly, dans les emprunts savants, se conserve jusqu'au XI<sup>e</sup> siècle pallium > palie = pâl-ye (...)  
 L'l mouillé perd son élément y et se comporte comme l: cf. travail, pl. travaus (...)

Do século XIV ao XVI o som palatal [ t̪ ] se confunde com o alveolar [ l̪ ] através da escrita uniforme; Dauzat (1950 : 74) afirma:

La graphie uniforme il, qui représentait aussi bien i+l que i+l mouillé a contribué à brouiller deux séries originaires distinctes: quand il s'est agi de reprononcer la consonne finale on n'a plus su si c'était l ou l mouillé (...)

A estabilidade política do período de 1610 a 1789 vai trazer novas mudanças lingüísticas, entre as quais o reaparecimento das palatalizações interrompidas por oito séculos. Segundo Dauzat (1950 : 90 - 95) algumas foram contidas e anuladas pelo esforço dos gramáticos como as palatalizações de t e d (2): outras são introduzidas, como a palatalização de n + y (3). Paralelamente, se dá a vocalização da lateral palatal:

La réduction de l mouillé à y apparait au XVII<sup>e</sup> siècle. Les premiers exemples assurés figurent dans les Mazarinades [ CAYOU pour CAILLOU ], Hindret, un peu plus tard, reproche cette prononciation [ BOUTEYE, BOUYON ] à la petite bourgeoisie parisienne.

A propagação desse fenômeno por quase todo o território francês (algumas regiões do Sul da França ainda conservam a lateral palatal) é invariavelmente associada à Revolução Francesa. Wartburg (1962: 229) (4) comenta:

La prononciation wa n'était donc pas nouvelle mais avant la Révolution on la considérait comme populaire et grossière, maintenant elle était seule reconnue comme correcte. La province, en revanche, resta en grande partie fidèle à we. Il ne s'agit donc pas ici d'une innovation, mais simplement de l'aboutissement normal d'un changement déjà ancien, aboutissement

qui a été accéléré par la Révolution. On pourrait en dire à peu près autant de l'évolution de l'ancien L mouillé. Dès le milieu du 17<sup>es</sup>. le peuple parisien prononçait fiya au lieu de fixe(=fille).

A vocalização aparece, portanto, no francês num momento em que se reativavam na língua processos de palatalização, entre os quais a vocalização da lateral palatal que não representa mais do que uma radicalização, levando um som palatal ao fonema palatal por excelência [ y ].

Na minha opinião, um fator concorre para a origem da vocalização no francês — a retomada dos processos de palatalização; um outro, para a sua propagação e instauração como padrão — o fato de se originar na classe social que estava em ascensão política, a burguesia parisiense.

### 2.1.1 A VARIAÇÃO [ l ] ~ [ y ] NO FRANCÊS

#### ATUAL

O francês atual registra palavras tais como "VILLE", "MILLE", "TRANQUILLE", que se pronunciam com a lateral alveolar. Outras, com a mesma grafia em -ILLE, apresentam, paralelamente à realização com a lateral alveolar [ l ], uma realização com a semi vogal palatal [ y ]. Esta variação tem sido, inclusive, registrada em dicionário para alguns itens lexicais e destaca um aspecto importante: o século XVII. apresentou a variação [ l ] ~ [ y ], que culminou no estabelecimento da forma [ y ]. Atualmente, a partir de formas ortograficamente representadas por -ILLE, que representaram a variação no século XVII, observa-se a variação [ l ] ~ [ y ]. Martinon (1912 : 265 - 266) afirma: (5)

I. Les finales muettes en -ILLE—Ces finales sont pres que toutes mouillées, comme les finales en -AILLE, -EILLE, -EUILLE, et -OUILLE, étant donné que les finales non mouillées sont presque toutes en -ILE avec un seul L. Pourtant il y a des exceptions, quoiqu'elles tendent progressivement à disparaître, par effet de l'analogie (1)

(...)

(1) Autrefois il y en avait bien davantage, par exemple GENTI(L)LE avec GENTI(L)LESSE (...) et PASTI(L)LE qu'on ne connaît plus du tout (...)

Nous assistons actuellement à la transformation de OSCI(L)LE et VACK(L)LE en OSCIYE et VACIYE.

## 2.2. O ESPANHOL

A língua que mais se aproxima do francês com relação à vocalização de [ɿ] é o espanhol, onde o fenómeno é rotulado de yeísmo.

O yeísmo iguala o espanhol ao francês nos seguintes aspectos:

Época de origem: ambas as línguas registram a variação [ɿ] ~ [y] em épocas aproximadas: o francês, no século XVII; o espanhol, na segunda metade do século XVIII (cf. Alonso 1967 : 174).

Propagação: o fenómeno se observa tanto em regiões contíguas quanto distanciadas, mantendo-se a variação apenas a nível regional em ambas as línguas. No francês, a lateral palatal sobrevive na Suíça e em parte do Sul da França, no espanhol, tanto a Espanha quanto a América registram variação. Quanto ao espanhol, a Andaluzia apresenta zonas lheístas e outras yeístas assim como Murcia, Extremadura, Castilha la Nueva, ao passo que a Argentina é yeísta<sup>(6)</sup> salvo em regiões próximas ao Paraguai, onde a conservação da lateral palatal parece ser geral. O Chile divide-se em regiões yeístas mais à Sudoeste e regiões lheístas ao Norte, ao Centro meridional e ao Sul (cf. Alonso 1967 : 176 - 197).

Por outro lado, o yeísmo distingue o espanhol do francês nos seguintes aspectos:

Instauração como padrão: mais rápida no francês do que no espanhol onde [y] ainda parece estar em processo de padronização. Alonso (1967 : 160) diz:

En el XIX la situación francesa es notablement similar a la española del siglo XX; por ejemplo, Mme. Dupuis (1836) aconseja el sonido lateral para el hablar más

ceremonioso (...)

(...) la gentes de letras de Madrid sienten la pronunciación tradicional de la ll como castiza, pero regional. La misma situación del francés, sólo que con algún tiempo de retraso y sin que todavía haya arraigado tanto que reclame ser legalizada por la enseñanza escolar.

Características fonéticas das variantes: no francês a alternância se dá entre [ l̥ ] e [ y ] exclusivamente. No espanhol, ela se vê acrescida, sempre a nível regional, das variantes [ ž̃ ], [ ŷ̃ ] e [ y surda ] sendo [ ž̃ ] mais generalizada na América do que na Espanha. Acrescente-se, ainda, a nível regional, no espanhol, a síncope de [ y ]: GALLINA > GAYINA > GAINA (cf. Alonso 1967 : 181 - 193).

Ciclo de transformação da palatal: a língua francesa desconhece qualquer fenômeno de vocalização da lateral palatal antes do século XVII; a língua espanhola, ao contrário, registra dois processos distintos (em termos de época e características fonéticas) de mudança da lateral palatal, segundo Bourciez (1946 : 411).

Au Nord l̥ s'est réduit a y (astur. fueya); au Centre, il est passé directement, vers le début du XII<sup>e</sup> siècle, à ž̃ devenu x au XVI<sup>e</sup>; esp. hoja, hijo (...) Lorsqu'au XIII<sup>e</sup> siècle, ll intervocalique s'est mouillé au Centre (mais non en Portugal) ce l̥ secondaire, n'est plus passé a ž̃ mais est resté intact dans esp. SILLA, CABALLO (...)

Alonso (1967) rotula ambos os processos de yeísmo e especifica (p. 163):

(...) Ese yeísmo leonés (...) se cumplió solamente en la posición intervocálica de una elle muy antigua que se corresponde con la castellana (MUYER, pero LLUNA). Otro es el yeísmo que aquí nos ocupa como materia principal, cronologicamente inagrupable con el anterior, el de una l̥ tardía (con relación a la de muller) procedente de la ll latina intervocalica (VALLE, POLLO) y de otra l̥ más tardía aún, procedente de pl - cl - fl latinas (LLAMAR, LLUVIA). Esta ll se pronunció en España hasta el siglo XVIII.

Portanto, do primeiro processo de mudança da lateral palatal (sec. XII) temos hoje, no espanhol, a realização [x], do segundo (sec. XVIII), temos a variação [ɸ] ~ [y].

Em nenhuma outra língua as transformações da lateral palatal apresentam as dimensões que se registram para o francês e o espanhol.

### 2.3 O ROMENO

O romeno também se destaca, pela vocalização da lateral palatal. O contato íntimo dessa língua com as línguas eslavas pode deixar margem a dúvidas quanto a se caracterizar como românico esse processo. Entretanto, Bourciez (1946 : 559) parece interpretar a vocalização de [ɸ] no romeno como característica românica e não eslava, quando menciona a vocalização das consoantes l e n (provenientes de l + y e n + y do latim) e de ɸ (do grupo kl), dando, respectivamente: FIÛU (FILIUM) e CHEIE (CLAVEM):

Les mots venus du slave ont aussi subi cette évolution: roum, IUBI (a. sl. LJUBITI "AIMER"), mais encore écrit parfois LIUBI dans les textes du XVIe siècle.

### 2.4 O ITALIANO

O italiano registra, além da transformação da lateral palatal para [y], outra variação equivalente à do espanhol: [j]. Também aí a variação se prende à origem da lateral palatal. Assim, o l do latim vulgar se conserva na Toscana sob a forma "figlia". As alterações se deram nos dialetos, onde, segundo Bourciez (1946 : 491):

l est passé a g vers le XVIe siècle (sicil, foggia), au Nord à đž (vénit. fodžza) Au centre de la Sardaigne l réduit à y devient dz (lougoud. fodza).

Quanto aos grupos kl, gl, pl, bl, esses se conservaram em posição tanto inicial de palavra quanto in-

terna, a lateral vocalizando-se após uma etapa de palatalização, ou seja: kl, kl, ky (OCCHIO = OC'LUM). A este respeito, Bourciez (1946 : 492) ressalta, ainda, as diferenças entre o italiano e duas outras línguas — o francês e o espanhol — em termos da evolução de suas laterais palatais, além de destacar que, ao Norte da Itália, a articulação da lateral palatal se encontra abalada com a pronúncia [ y ] registrando, também penetração na Toscana.

## 2.5 O PORTUGUÊS

O português falado em Portugal é, curiosamente, a única língua latina que não registra, em momento al gum de sua história, uma transformação da lateral palatal [ t ] para a semivogal palatal [ y ].

No português as origens da lateral palatal são basicamente equivalentes às do francês ou seja, resulta dos seguintes grupos latinos:

1. cl, fl, pl, bl, gl (quando precedidos de vogal), do latim clássico;
2. ly, do latim vulgar.

As geminadas ll do latim que resultaram em [ t ], em certas línguas, simplificaram-se tanto no português, quanto no francês. (cf. Lima Coutinho 1969 : 121).

Segundo Williams (1975 : 85) os casos de ll intervocálico do latim clássico que resultaram em -lh no português são empréstimos do espanhol: BERYLLUM) BRILHO.

A presença de uma lateral alveolar palatalizada ou de uma lateral palatal registra-se na ortografia portuguesa desde o século XI. Williams (1975 : 36) diz:

Pedro A d'Azevedo assevera (RL. IX. 163) que a primeira ocorrência datada de lh é num documento de 1269. (...) Entretanto estas datas podem ser ligeiramente recuadas, pois o LIVRO DE D. JOAO PORTEL que Pedro A. d'Azevedo publicou subsequentemente consigna lh em lha num documento de 1267 (...)

É possível, inclusive, que a lateral seguida de iode se realizasse mais como alveolar palatalizada do que como palatal propriamente. Foi longa, no português, a permanência do valor silábico do e, em hiato, o que atesta, segundo Williams (1975 : 89) a formação relativamente tardia do iode no território português. A introdução de um iode junto à lateral alveolar resulta numa palatalizada que, no português, por ausência de uma lateral palatal propriamente dita, permaneceu por mais tempo no seu ponto de articulação de origem e, conseqüentemente, com menos tendência a vocalizar-se na semivogal palatal [ y ] (7).

O fato é que os únicos registros de vocalização no português são para o português falado no Brasil, em outras colônias portuguesas e num co-dialeto do português, o quadramilês. Leite de Vasconcellos (1901 : 200 - 101) aponta:

Quadramilais - à lh. correspond y (ou iy). ex.:  
ABEYA ou ABEIYA < l. APIC'LA.

Por corresponder esse co-dialeto à uma região fronteiriça à Espanha, o fenômeno tem tendência a ser interpretado como influência espanhola.

A vocalização [y] é ainda apontada nos seguintes dialetos crioulos: do Ceilão, de Singapura, do arquipélago do Cabo Verde e da Ilha de São Tomé. Desse processo trata Leite de Vasconcellos (1901 : 158 - 190), que se refere também à vocalização no Brasil ao dizer:

Dialecte brésilien (...) l'l mouillé (- lh) se change en y (i) ex.: MUYÉ = MULHER.

A vocalização da lateral palatal, no Brasil, tem sido comumente associada à fala de índios e negros. Renato Mendonça (1973 : 61 - 62) afirma:

O negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular (...) o africano (...) deixou sinais bem seus nos dialetos do interior, principalmente.

Entre as alterações fonéticas de origem africana, o autor menciona:

Vocalização: o fonema línguo-palatal lh muda-se na semivogal y. Idêntico fenômeno se passa nos dialetos crioulos, (...) na ilha de S. Tomé (...) e na ilha do Príncipe (...).

Apesar de reconhecerem a existência do fenômeno em outras línguas latinas, os autores, em geral, tendem a considerar a vocalização da lateral palatal, no Brasil, como fenômeno particular. Gladstone Chaves de Melo (1975 : 81) ilustra essa posição:

Considera Renato Mendonça como de origem africana a semivocalização do l palatal (lh na nossa grafia) que se observa na pronúncia popular de certas regiões do Brasil: MUYÉ, por MULHER; FIYO por FILHO... E quando nos ocupamos deste último tema, vimos que a transformação lh > y é românica, podendo-se pois explicá-la sem pedir interferência da "língua geral" ou dos idiomas africanos. Sem embargo, porém, de ser evolução românica a lh a y, sou inclinado a explicá-la, aqui no Brasil, por influência africana, uma vez que o fato ocorre de regra nas zonas mais africanizadas".

É idêntica a posição de Serafim da Silva Neto (1970 : 595):

Não importa que fenômeno igual ou semelhante se tivesse dado no transcurso da evolução da língua francesa ou de qualquer outra... No nosso caso particular e histórico, observamos que os aloglotas (mouros índios e negros) se mostraram sempre incapazes de pronunciar lh.

O fato é que, se num determinado momento a vocalização de [ ɫ ] foi típica do falar de índios e negros,

ela é hoje, característica do falar caipira conforme Amaral (1976 : 48) e Ada Natal Rodrigues (1974 :162), e, nos centros urbanos, característica das classes baixas; representa o "falar errado" e é altamente estigmatizada.

Paralelamente registra-se a variante lateral alveolar [ l ] : [ mu<sup>l</sup>ɛ ] = MULHER — que é de modo geral considerada como característica da fala do nordeste brasileiro, embora ocorra em outras regiões: em Belo Horizonte segundo Oliveira (1983) e em Piracicaba, de acordo com Ada Natal Rodrigues (1974) (8).

No estudo acima mencionado, Oliveira (1983) apresenta análise quantitativa e qualitativa da variável [ l ], em Belo Horizonte, chegando às seguintes conclusões:

- a) A variante [ y ] que não apresenta a evidência do tempo aparente e, por isso não se trata de uma mudança em progresso, é estigmatizada, tem seus percentuais de realização nos grupos sócio-econômicos mais baixos e ocorre, ainda que de forma esporádica, nos grupos mais altos. Além disso, é favorecida pelo estilo informal e desfavorecida pelas mulheres, o que evidencia o seu "status" de estereótipo.
- b) A variante [ l ] apresenta-se com as características de uma variante em extinção na medida em que se realiza, preferencialmente, na fala dos mais velhos. Nos grupos mais baixos, é favorecida pelo estilo formal, o que lhe empresta o caráter de variante de prestígio em relação à variante [ y ].
- c) Os parâmetros estruturais considerados (vogal antecedente, vogal seguinte, tonicidade e classe de palavras) não registram favorecimento qualitativamente significativo.

### 3. OS PARÂMETROS CONSIDERADOS NA ANÁLISE

O presente trabalho retomará para a análise da variável alguns parâmetros estruturais e não-estruturais levados em conta por Oliveira (1983) que são explicitados na seção a seguir.

### 3.1 OS PARÂMETROS ESTRUTURAIIS

O que foi dito sobre a variável [ɪ] nas seções anteriores evidencia o fato de que a variação [ɪ] ~ [i] ~ [y] não é determinada por nenhum parâmetro estrutural. Ela pode, todavia, ser favorecida por algum deles. É nesse sentido que o funcionamento da variável será analisado através dos seguintes parâmetros estruturais: vogal precedente e seguinte, tonicidade, item lexical. (9)

#### 3.1.1 VOGAL PRECEDENTE E SEGUINTE

A história das línguas está repleta de exemplos em que um som que precede ou segue outro o modifica. Em Schane (1975 : 89) lê-se:

A maioria dos processos fonológicos pode ser explicada como fenômenos articulatórios ou de percepção. A assimilação tem explicação natural na co-articulação. Durante a formação de um som, os órgãos articulatórios podem estar antecipando a articulação de outro som e, conseqüentemente, o primeiro som será modificado na direção do segundo, ou a articulação do primeiro será estendida à do segundo. Os efeitos da co-articulação são prontamente observados quando consoantes se tornam palatalizadas ou labializadas diante de vogais palatais (anteriores) ou labiais (arredondadas) (...).

Dessa forma, é possível imaginar que vogais palatais favoreçam a realização da variante padrão [ɪ] e vogais posteriores, as outras variantes.

As vogais precedentes consideradas serão: [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u];

as vogais seguintes: [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u], [ū], [ā], [ē], [ī] e os ditongos correspondentes.

### 3.1.2 TCNICIDADE

A transformação da lateral palatal para a semivogal palatal constitui-se num processo de redução. A evolução das línguas registra inúmeros exemplos onde a sílaba átona apresenta-se como favorecedora dos processos de redução. Nesse sentido, é possível que a sílaba átona favoreça a ocorrência de [ y ].

A variável terá, nesse parâmetro, duas classificações de acordo com a sílaba em que ocorre: [ + tônica ] e [ - tônica ].

### 3.1.3 ITEM LEXICAL

As razões de se considerar o favorecimento por item foram expostas nas seções 2, 4, e 5 do primeiro capítulo.

## 3.2 OS PARÂMETROS NÃO-ESTRUTURAIS

A seleção dos parâmetros não-estruturais encontra sua justificativa na exposição dos aspectos principais da teoria da variação, apresentada na seção 1 do primeiro capítulo.

Os dados foram classificados de acordo com os seguintes parâmetros não-estruturais: grupo socio-econômico, sexo, idade e estilo de fala.

### 3.2.1 GRUPO SÓCIO-ECONÔMICO

Os informantes foram divididos em dois grupos - G1 e G2 - de acordo com o grupo de fatores especificado na seção 1 do terceiro capítulo.

### 3.2.2 SEXO

Ao tratar da avaliação social que recebem as variantes, Labov (1976) distingue o comportamento dos homens e das mulheres: suas pesquisas registram que,

além do fato de serem as mulheres mais atentas ao "padrão", elas lideram o uso das formas lingüísticas novas quando essas se caracterizam como variantes de prestígio. .

Nesse parâmetro os informantes foram classificados como M (masculino) e F (feminino).

### 3.2.3 IDADE

No parâmetro idade, cuja relevância na identificação do estágio de progresso da variante já foi mencionada, os informantes se dividiram em J (jovens) e A (adultos).

### 3.2.4 ESTILO DA FALA

O estilo da fala, estabelecido a partir de entrevistas gravadas (cf. capítulo 3) foi subdividido em F (formal) e I (informal).

NOTAS DO CAPÍTULO 2

- (1) Na transcrição dos dados da presente pesquisa, a forma "padrão" apresenta duas realizações fonéticas, a saber [ɪ] e [ɪʏ]. Esta distinção não foi, todavia, utilizada para efeito de contagem dos dados, pois ela resultou de uma simples avaliação do entrevistador. Embora essa distinção seja de difícil percepção, eu tenho observado que, quanto mais o falante pretende frisar a forma padrão em oposição à variante estigmatizada [y], mais ele tende a trazer a pronúncia para a região alveolar realizando [ɪʏ] ao invés de [ɪ].
- (2) É interessante observar que, se em determinados momentos, Dauzat associa a propagação de formas lingüísticas à sua origem dentro de um grupo social politicamente forte (é o caso da vocalização de [ɪ] propagada pela burguesia parisiense), ao citar aqui a vitória dos gramáticos, ele ignora o seguinte aspecto: segundo sua própria citação (cf. pg. 90) este tipo de palatalização não atingiu a burguesia, registrando-se apenas entre o povo ("le peuple"), até o século XIX quando desapareceu. Ora, o grupo que estava se tornando politicamente forte, nesse período, era exatamente a burguesia; seria normal, portanto, que se fixassem na língua as formas lingüísticas novas propagadas por esta classe que ascendeu ao poder no final do século XVIII.
- (3) Dauzat registra o aparecimento deste grupo no século IV (cf. pg. 65). É provável que o autor esteja se referindo a um reaparecimento deste grupo, isto é, o fato de o grupo ter se despalatalizado para, depois, passar novamente por um processo de palatalização.
- (4) Wartburg assinala esta pronúncia no "peuple parisien". É importante, entretanto, precisar, que os vários autores (cf. Dauzat (1950), Bourciez (1946)) reproduzindo Hindret (1687), ressaltam esta pronúncia no meio burguês parisiense.
- (5) Esta variação em curso no francês evidencia em

primeiro lugar a interferência da língua padrão sobre processos de mudança ou variação lingüística, do seguinte modo: no passado, a pronúncia [ t̥ ] de vocábulos escritos com -ille os levou para uma realização fonética [ y ]. No presente, é a grafia -ille, parece-me, que leva vocábulos pronunciados com [ l ] para uma pronúncia com [ y ]. Trata-se portanto de uma variação fonológica que não parece se originar na pronúncia e sim na grafia. Se o sistema ortográfico francês tivesse assimilado a mudança de [ t̥ ] para [ y ], a atual variação entre [ l ] e [ y ] nas formas grafadas com -ille talvez não estivesse se registrando. A ortografia francesa condensa, neste momento, duas funções, aparentemente contraditórias, da norma padrão que se assenta na simetria e na conservação: ao manter -ille até o século XX nos itens que desde o século XVIII se pronunciavam com [ y ], a ortografia:

- 1) prolonga, por um lado, a recusa que a norma padrão expressava (em nome da conservação) diante da mudança [ t̥ ] → [ y ], no século XVIII;
- 2) por outro lado, provoca no século XX (em nome da simetria) uma variação [ l ] ~ [ y ], onde [ l ] se modifica para [ y ].  
Se, por paralelismo esta mudança se estender para outros grupos que não aqueles em -ille, a língua padrão expressará novamente recusa diante da nova variação.

Em segundo lugar, essa variação [ l ] ~ [ y ] no francês apresenta evidências de um processo por difusão lexical, com alguns itens já reestruturados como gentille [žatila] → [zatiyə]; outros em variação como vacille [vasila] [vasiyə]; e outros estáveis como ville [vila].

- (6) Alonso rotula de "yeísmo" todo fenômeno que se oponha ao "lheísmo". É neste sentido, me parece, que ele denomina "yeísta" a Argentina cuja pronúncia comum é [ j̃ ].

- (7) A esse respeito, ver nota 1 acima.

- (8) A autora, na transcrição do inquérito fonético, registra para o item colher a seguinte realização com [ l ]: [kulɛ̃r̃].
- (9) O parâmetro classe de palavra foi excluído da presente análise com base nas conclusões de Oliveira (1983).

C A P I T U L O 3

M E T O D O L O G I A

## INTRODUÇÃO

A descrição dos aspectos fundamentais da teoria da variação já ressaltou vários aspectos que caracterizam a metodologia desta pesquisa.

A primeira seção descreve a localização dos informantes e a sua classificação em dois grupos distintos; a segunda, descreve o trabalho de campo realizado. A terceira seção apresenta o sistema de classificação dos dados e a quarta descreve os procedimentos usados para a análise dos dados.

### 1. CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS DOS INFORMANTES

Os dados da presente pesquisa foram extraídos da língua oral de falantes de Belo Horizonte e foram coletados durante o 2º semestre de 1984 e 1º de 1985.

Buscaram-se, como informantes, pessoas nascidas e residentes na cidade de Belo Horizonte ou residentes nessa cidade desde a infância. A busca dos informantes se processou da seguinte maneira: os primeiros foram selecionados entre pessoas de meu próprio convívio. Essas, por sua vez, indicaram os outros informantes.

Numa primeira etapa foram realizadas dezenove entrevistas. Em seguida foram selecionados oito informantes que apresentaram homogeneidade em termos de condições sócio-econômicas, sexo e idade.

O critério usado para distinção de dois grupos (G1 e G2) sócio-econômicos baseou-se em três aspectos: local de residência, profissão do informante ou de seus familiares e escolaridade que foram rotulados de elementos A, B e C; respectivamente:

Os informantes foram, então, numerados de 1 a 8 e agrupados por sexo (F = feminino, M = masculino) e idade (J = jovem, de 14 a 16 anos; A = adulto, de 36 a 38 anos). Essa distinção quanto à faixa etária foi feita de modo a se manter o espaço de uma geração entre os dois grupos, na suposição de que tal espaço dei

xasse mais nítidas as diferenças porventura existentes entre eles.

Cada informante foi, portanto, caracterizado da seguinte maneira:

GRUPO 1 ( G1 )

Inf. 1FJ

- A - Prado (imóvel alugado)
- B - Estudante - mãe: secretária executiva  
pai: comerciante
- C - 8a. série do 1º grau (em curso)

Inf. 2MJ

- A - Prado (imóvel próprio)
- B - Estudante - mãe: professora aposentada  
pai: corretor de imóveis
- C - 6a. série do 1º grau (em curso)

Inf. 3FA

- A - Prado (imóvel próprio)
- B - Dona de casa; marido: revendedor
- C - 2º grau completo

Inf. 4MA

- A - Gutierrez (imóvel próprio)
- B - Advogado atuando na área financeira
- C - Superior

GRUPO 2 ( G2 )

Inf. 5FJ

- A - Durval de Barros (imóvel próprio)
- B - Empregada doméstica - pai: faxineiro (Telemig)  
mãe: dona de casa
- C - 4a. série do 1º grau (estudos interrompidos)

Inf. 6MJ

- A - Favela Cabeça de Porco (imóvel ocupado por invasão)
- B - Estudante - pai: dono de bar na favela  
mãe e irmãs: faxineiras
- C - 6a. série do 1º grau (em curso)

Inf. 7FA

- A - Favela do Grajaú (imóvel ocupado por invasão)
- B - Faxineira
- C - 4a. série do 1º grau (estudos interrompidos)

Inf. 8MA

- A - Jardim Laguna (imóvel próprio)
- B - Pintor aposentado por invalidez, atuando como biscateiro, esposa: faxineira
- C - 4a. série do 1º grau (estudos interrompidos)

1.1 SOBRE A DISTINÇÃO DOS GRUPOSOBSERVADOS

As características internas de cada um dos dois grupos considerados evidenciam a distinção entre eles, no que se refere aos elementos A, B e C. Cabe ressaltar a expressividade de cada um desses elementos na cidade de Belo Horizonte:

- A - Os bairros Prado e Gutierrez são centrais, totalmente urbanizados, providos, no seu interior, ou nas proximidades, de escolas (públicas e particulares), hospitais, clubes esportivos, pequenos centros comerciais. O Prado, um dos bairros mais antigos da cidade, apresenta várias regiões ocupadas exclusivamente por casas; o Gutierrez, ao contrário, é basicamente composto por prédios de apartamentos. Esses dois bairros caracterizam-se por uma população, cujas profissões mais comuns são: comerciantes, profissionais liberais, empregados do setor médio de serviço público.

A favela do Grajaú apresenta ruas internas e instalação de rede hidráulica com hidrômetros registrando o consumo de conjuntos de barracões. A favela Cabeça de Porco já apresenta elementos de urbanização tais como rede elétrica

(precária) e calçamento de algumas ruas. A água é obtida em torneiras públicas.

Os dois bairros de periferia (Durval de Barros e Jardim Laguna) são providos de rede elétrica, hidráulica e telefônica, algumas ruas calçadas ou pavimentadas, lotes demarcados, o segundo oferecendo uma paisagem urbana onde coexistem construções sólidas e frágeis. São também providos de escolas públicas.

Tanto as favelas como os bairros de periferia, abrigam o contingente mais baixo da população. Esse grupo não é homogêneo, apresentando uma hierarquia interna, motivada por uma variedade de ocupações e profissões que resultam em renda "per capita" diferenciada de um subgrupo para o outro.

- B - As profissões que caracterizam G1 correspondem, na cidade de Belo Horizonte, a uma faixa salarial que oscila entre cinco e dez salários mínimos, em média. As que caracterizam o G2, a uma faixa salarial que se mantêm proporcional a um salário mínimo.
- C - Quanto à escolaridade G1 inclui, de modo geral, pessoas de nível que se estende até o 2º grau enquanto G2 se constitui, basicamente de informantes que cursaram apenas as quatro primeiras séries do 1º grau. Isso se explica, provavelmente, pelo fato de que o aumento gradativo das escolas públicas, nos bairros periféricos, tem elevado o nível de escolaridade até a 4a. série do 1º grau mas não além dela, na medida em que a simples oferta de vagas nas quatro últimas séries não determina, automaticamente, a procura, por dois fatores: 1) apesar da gratuidade escolar, os gastos com material e condução são, na maior parte das vezes, inacessíveis às populações de baixa renda; 2) o jovem com idade de cursar a 5a. série do primeiro grau já se encontra realizando um trabalho remunerado.

## 2. A PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo constou de três etapas: entrevista, nomeação de elementos a partir de gravuras e teste de percepção linguística.<sup>(1)</sup>

### 2.1 A ENTREVISTA

Os dados usados para se verificar o uso geral da variável foram obtidos através de entrevistas gravadas.

Após a seleção dos oito informantes, decidi fazer uma segunda entrevista com cada um deles, com o objetivo de obter um estilo de fala mais informal do que o obtido na primeira entrevista.

As entrevistas da primeira etapa tiveram uma duração média de quarenta minutos; as da segunda etapa, de sessenta minutos, ou mais.

Na entrevista da primeira etapa procurou-se seguir o esquema proposto por Labov (1976), de acordo com o qual, nos primeiros momentos, o informante responde a uma série de questões sobre sua família, suas origens, atividades de estudo ou trabalho etc. Num segundo momento, o informante foi levado a narrar pequenos fatos sobre sua infância, adolescência, festividades em geral, "hobbies" e a emitir opiniões sobre diversos aspectos da realidade, tais como: futebol, política, religião, etc. Num outro momento solicitou-se do informante a narrativa de algum fato que o envolvesse emocionalmente. O recurso básico para a obtenção desse tipo de narrativa foi o de levar o informante a abordar uma situação que envolvesse perigo de vida. Buscou-se, através da narrativa pessoal, a atualização de um estilo de fala menos formal.

Na segunda entrevista, procurei, no início, abordar o assunto que me pareceu ter sido mais agradável ao informante, durante a primeira entrevista, passando gradativamente, para os outros centros de interesse.

## 2.2 A EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS

Ao final da primeira entrevista, foi apresentado a cada informante um conjunto de gravuras. Dessas gravuras sete continham elementos cujos nomes envolvem a variável [ t ], a saber: família, filhos, talher (es) colher, óleo, milho, baralho.

Esses dados ilustrariam o comportamento da variável num estilo caracterizadamente formal.

## 2.3 O TESTE DE PERCEPÇÃO LINGÜÍSTICA

Esse teste consistiu de uma série de dez sequências que foram gravadas e apresentadas ao informante. Cinco destas sequências apresentavam vocábulos nos quais ocorreu a vocalização da variável. (2) Os objetivos do teste eram verificar em cada informante, o grau de sensibilidade e a avaliação social atribuída à variação estudada nesse trabalho. Para isso foi pedido aos informantes que:

- 1º) ouvissem as sequências, tentando atribuir ao emissor de cada uma delas uma profissão, conforme uma lista previamente sugerida. (3)
- 2º) justificassem a atribuição anteriormente feita.

## 3. A CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

O primeiro passo para o levantamento dos dados contendo a variável [ t ] foi a transcrição integral das entrevistas de cada informante. Nessa descrição, os dados visados foram destacados.

Num segundo momento esses dados foram, novamente, ouvidos para receberem sua transcrição fonética definitiva de acordo com as realizações ouvidas. Dessa forma, o dado filho, por exemplo, recebeu, as seguintes transcrições fonéticas: [fiɫv], [fiɫ'v], [fiɫv̄] e [fiy'v]. Para efeito de contagem, as duas realizações fonéticas [ t ] e [ ɫ ], foram representadas por uma única forma [ t̄ ].

Os dados que apresentavam alguma dúvida quanto à pronúncia foram submetidos à apreciação de alguns professores da FALE/UFMG, antes de receberem sua classificação definitiva. Os dados que apresentaram divergências de percepção foram removidos da análise.

Após a classificação definitiva, os dados foram transportados para fichas individuais, acompanhados do enunciado no qual ocorriam. Em seguida, esses dados receberam uma codificação alfa-numérica, para as seguintes informações:

número do informante: 1 a 8

número do dado na fita: 001 a 999

classificação de estilo: F = formal;

I = informal

ordem de realização das entrevistas: A = 1a. entrevista; B = 2a. entrevista.

#### 4. A ANÁLISE DOS DADOS

A realização da variável em relação a cada um dos parâmetros estruturais e não-estruturais estabelecidos foi avaliada em cálculos percentuais.

A relevância dos percentuais foi submetida ao teste do qui-quadrado quando sugeriam favorecimento do parâmetro visado. (4)

NOTAS DO CAPÍTULO 3

- (1) O resultado desses testes não é incluído na análise dos capítulos 4 e 5, sendo mencionado na análise apenas quando for oportuno.
- (2) Uma destas sequências apresentava, além da vocalização de [ t̥ ], ausência de concordância verbal e nominal. Das cinco sequências restantes três apresentavam também, ausência de concordância verbal.
- (3) A lista apresentava três grupos distintos de profissões: Grupo A - médico, advogado  
Grupo B - comerciário, balconista  
Grupo C - faxineiro, chofer de ônibus

Os informantes tiveram, ainda, a liberdade de acrescentar alguma outra profissão, caso a pessoa que eles estivessem ouvindo em alguma das sequências, não parecesse se encaixar entre as profissões sugeridas.

- (4) Ao analisar o favorecimento da realização de uma determinada variável parte-se da hipótese de que tal fato se dá por acaso, isto é, considera-se a hipótese nula. O objetivo do teste do qui-quadrado (daqui em diante:  $X^2$ ) é o de refutar a hipótese nula.

No presente trabalho, o nível de significância adotado para esse teste foi .05, grau de liberdade 1; portanto, todo resultado igual ou superior a 3.84146 refuta a hipótese nula.

C A P Í T U L O 4

ANALISE DOS PARÂMETROS ESTRUTURAIIS

## INTRODUÇÃO

Na seção 2 do capítulo 1 sugeri que o princípio da difusão lexical poderia incorporar o princípio neogramático.

Não é essa, todavia, a hipótese que subjaz à teoria da variação, na qual se apóiam as diretrizes básicas dessa pesquisa. Por isso, a análise dos parâmetros estruturais nesse capítulo será apresentada ainda que com o objetivo apenas, de demonstrar que o processo de vocalização, no português, pode ser explicado pelo princípio da difusão lexical.

As três primeiras seções apresentam, respectivamente, a análise do efeito dos parâmetros segmento precedente, segmento seguinte e tonicidade sobre a regra de vocalização do [ɪ], que pode ser, assim formalizada:

$$[ɪ] \rightarrow \langle y \rangle / V - V$$

A quarta seção analisa o efeito do parâmetro item lexical sobre a referida regra.

### 1. SEGMENTO PRECEDENTE

Em relação ao segmento precedente destacou-se como favorecedor à realização de [y] o ambiente em que a variável era precedida da vogal [a], conforme mostra a tabela 4.1:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO
i	186	11	06
e	37	2	05
ɛ	54	6	11
a	268	69	26
u	83	4	05
o	62	6	10
ɔ	44	5	11
N	734	103	14

Tabela 4.1: Segmento precedente: efeito da vogal na aplicação da regra

Essa tabela aponta os maiores pontos percentuais entre as vogais posteriores, destacando-se a vogal [ a ]. Esse favorecimento pode ser melhor visualizado através da tabela 4.2:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$X^2$
Anteriores	277	19	07	19.293
Posteriores	457	84	18	
TOTAL	734	103	14	

Tabela 4.2: Segmento precedente: efeito das vogais anteriores e posteriores

Considerando-se as tendências dos processos fonológicos, esperaríamos que as vogais anteriores favorecessem a vocalização de [ ɪ ]. O favorecimento das posteriores poderia estar tendo a interferência da vogal [ a ], através do traço que a distingue das outras vogais posteriores: o traço [ - arredondado ]. A oposição entre vogais [ + arredondadas ] e [ - arredondadas ] apontou a hipótese de favorecimento dessas últimas, que se manteve pelo resultado do  $X^2$  26.323. Esse resultado levou-me à exclusão de [ a ] para verificar o favorecimento das [ - arredondadas ] no conjunto total das vogais. Para tanto opôs-se novamente posteriores e anteriores, conforme mostra a tabela 4.3:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$X^2$
Anteriores	277	19	07	0.534
Posteriores	189	15	08	
TOTAL	466	34	07	

Tabela 4.3: Segmento precedente: efeito das vogais anteriores e posteriores, com exclusão da vogal [ a ]

O resultado do  $X^2$  na tabela 4.3 me permite manter a hipótese do favorecimento de [ a ]. A sua exclusão iguala, em termos de favorecimento, os dois parâmetros observados anteriormente: posteriores x anteriores e arredondadas x não-arredondadas.

Não é, portanto, pelos seus traços [ +posterior ] e [ - arredondado ] que a vogal [ a ] está favorecendo a aplicação da regra em estudo. O seu favorecimento se mantém, sem que tenhamos, para tanto, uma explicação fonética.

Paralelamente, uma observação dos itens lexicais que ocorrem com [ a ] como segmento precedente revela que 93% das ocorrências de [ a ] como segmento precedente estão ligadas ao item lexical trabalhar.

É possível que os favorecimentos apontados desde o princípio não se mantenham com a exclusão desse item.

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$X^2$
Anteriores	277	19	07	0.116
Posteriores	209	18	09	
TOTAL	486	37	08	

Tabela 4.4: Segmento precedente: efeito das vogais anteriores e posteriores, com exclusão do item trabalhar (1)

Como se esperava, o favorecimento das vogais posteriores sobre as anteriores neutraliza-se quando se exclui o item trabalhar.

Em seguida opôs-se o item trabalhar aos outros ambientes tidos como favorecedores, isto é, aos outros itens lexicais com [ a ] precedente.

Também em relação aos outros itens com [ a ] o verbo trabalhar apresenta frequência superior, conforme tabela 4.5:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
Trabalhar	248	66	27	0.332
outros itens com a	20	3	15	
TOTAL	268	69	26	

Tabela 4.5: Segmento precedente: comparação entre trabalhar e outros itens com [ a ] precedente.

A oposição entre o item trabalhar e outro ambiente favorecedor, as vogais posteriores, também aponta o favorecimento do item:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
trabalhar	248	66	27	25.87
vogais post.	209	18	09	
TOTAL	457	84	18	

Tabela 4.6: Segmento precedente: comparação entre trabalhar e outros itens com vogais posteriores.

A hipótese do favorecimento desse item se mantém novamente na tabela 4.7, em que trabalhar é oposto ao conjunto dos ambientes considerados, isto é, a todos os outros dados.

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
trabalhar	248	66	27	48.39
os outros dados	486	37	08	
TOTAL	734	103	14	

Tabela 4.7: Segmento precedente: oposição entre trabalhar e o conjunto dos dados restantes

## 2. SEGMENTO SEGUINTE

Considerando-se esse parâmetro, observa-se que os mais altos percentuais de realização de [ y ] referem-se a casos em que a variante aparece seguida de vogal anterior. Contudo, tais percentuais não permitem uma maior avaliação, pois que se referem a um número pouco expressivo de dados. Assim sendo, é possível destacar apenas a atuação do ditongo [ ey ] conforme mostra a tabela 4.8:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO
∅	2	2	100
i	7	0	0
ĩ	2	1	50
e	7	0	0
ē	2	0	0
ey	19	7	37
ew	3	0	0
ɛ	60	2	03
a	340	64	19
ã	59	9	15
ãw	3	1	33
u	171	14	08
ũ	1	0	0
o	20	3	15
õy	3	0	0
ɔ	35	0	0
N	734	103	14

Tabela 4.8: Efeito da vogal seguinte

A partir desses resultados resolvi então agrupar os fatores em dois subgrupos: vogais anteriores e vogais posteriores. O comportamento desses subgrupos pode ser visto através da tabela 4.9:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
Anteriores	100	10	10	0.429
Posteriores	632	91	14	
TOTAL	732 <sup>(2)</sup>	101	14	

Tabela 4.9 : Segmento seguinte: efeito das vogais posteriores e anteriores

De acordo com as tendências dos processos de assimilação, esperar-se-ia que as anteriores favorecessem a vocalização. A tabela 4.9, entretanto, não confirma essa expectativa. É possível que outro parâmetro, altura, esteja interferindo nos resultados. Uma vez que os maiores percentuais aparecem em vogais médias e baixas: [ey], [o], [a], [ã]. Os resultados do parâmetro segmento seguinte por altura das vogais pode ser visto através da tabela 4.10:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	
+ altas	181	15	08	4.142
- altas	551	86	16	
TOTAL	732	101	14	

Tabela 4.10: Segmento seguinte: efeito de altura das vogais

O X<sup>2</sup> da tabela 4.10 permite que se mantenha a hipótese do favorecimento das vogais [-altas]. Esse favorecimento poderia estar interferindo no resultado observado entre posteriores e anteriores. Decidi opor, novamente, as vogais posteriores e anteriores, excluindo as [-altas] para observar se esse procedimento elu-

cidaria um favorecimento das vogais anteriores. O resultado encontra-se na tabela 4.11:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
Anteriores	90	9	10	1.009
Posteriores	460	77	17	
TOTAL	550	86	16	

Tabela 4.11: Segmento seguinte: efeito das vogais posteriores e anteriores com exclusão das vogais altas.

Conforme a tabela acima, observa-se que a distinção entre vogais anteriores e posteriores continua se mostrando irrelevante.

Como ocorreu no parâmetro segmento precedente é possível que também aqui esteja se dando a interferência de item lexical. Assim, o favorecimento apontado para as vogais [ - altas ] talvez esteja refletindo o favorecimento do item trabalhar. O favorecimento das vogais [ - altas ] com a exclusão do item trabalhar é testado na tabela 4.12:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
+ altas	143	07	05	2.291
- altas	341	28	08	
TOTAL	484	35	07	

Tabela 4.12: Segmento seguinte: efeito da altura das vogais, com exclusão do item trabalhar

A exclusão de trabalhar realmente neutraliza o favorecimento das vogais [ - altas ]. Estamos, pois, diante da mesma conclusão apontada ao final da análise do parâmetro segmento precedente, ou seja, também na aná-

lise do parâmetro segmento seguinte o favorecimento da vocalização não parece se dar a nível fonológico, mas lexical.

### 3. A TONICIDADE

Os dados dessa pesquisa não registram, em percentuais, diferenças significativas quanto a ocorrência da vocalização em sílabas tônicas ou átonas. O resultado do teste do  $X^2$  não permite que se mantenha a hipótese do favorecimento das sílabas tônicas, tal como apontado pela tabela 4.13:

	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$X^2$
+ tônica	341	54	16	1.632
- tônica	393	49	13	
TOTAL	734	103	14	

Tabela 4.13 : Efeito da tonicidade

A análise dos parâmetros estruturais levanta a hipótese de que a regra de vocalização seja sensível ao parâmetro item lexical, através do item trabalhar. A próxima seção analisa o comportamento dos outros itens lexicais.

### 4. O ITEM LEXICAL

O primeiro passo para a análise dos itens lexicais foi o de observar o percentual de aplicação de vocalização em cada item. Esse procedimento revelou que, de fato, a vocalização não se realiza de forma homogênea no léxico constante desta pesquisa na qual se registram realizações com percentuais de 0 a 27. Essa distribuição pelo léxico permitiu a formação de quatro blocos distintos no "corpus": os três primeiros registram percentuais gradativos de vocalização (1º bloco = acima de 20%, 2º bloco = de 10 a 20%; 3º bloco = de 1 a 9%); o 4º resumiu-se aos itens nos quais a variável nunca é

vocalizada. A tabela 4.14 apresenta os três primeiros blocos de itens e seus respectivos resultados:

BLOCOS	ITENS LEXICAIS	TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLIC.	% DE APLIC.	TOTAL DE DADOS POR BLOCO	TOTAL DE APLIC.	% DE APLIC.
1	Trabalhar	248	66	27	248	66	27
2	Barulho	9	2	20	200	28	14
	Falhar	10	2	20			
	Orelha	06	1	17			
	Velho	38	6	16			
	Olhar	87	11	13			
	Família	41	5	12			
	Agulha	9	1	11			
3	(a) conse- lho (ar)	11	1	09	199	08	08
	Filho	92	5	05			
	Melhorar	42	1	02			
	Mulher	54	1	02			
TOTAL		647	102	16	647	102	16

Tabela 4.14 : Distribuição do léxico em blocos de frequência. (3)

O quarto bloco de itens pode ser visto através da seguinte listagem:

ITENS	Nº DE OCORRÊNCIAS
vasilha	(2)
Pampulha	(9)
palhaço	(1)
milhões	(3)
imobiliadora	(3)
Guilherme	(5)
quadrilha	(3)
maravilha	(6)
milho	(2)
vermelho	(1)
coelhinho	(2)
joelho	(4)
escolher	(4)
folha	(6)
telha	(1)
atrapalhar	(4)
recolhendo	(2)
ilha	(4)
bilhete	(4)
julho	(2)
humilhar	(1)
rolha	(1)
assemelhar	(2)
galho	(3)
brilhando	(1)
bolha	(2)
óleo	(3)
retalho	(2)
molhar	(3)

Listagem : Itens que não apresentam vocalização

A distribuição lexical evidenciada pela tabela 4.14 e pela listagem sugere, realmente, que o processo de vocalização se dê por difusão lexical. Como foi visto na segunda seção do primeiro capítulo, o processo de difusão lexical levanta, enquanto teoria, uma série de questões quanto à sua implementação. Destacam-se, na literatura, duas questões básicas: a do favorecimento de determinados itens lexicais e a do resíduo. Com relação à primeira, acredita-se que a maior frequência de certos itens lexicais favorece a implementação de uma nova forma lingüística. Quanto à segunda, de acordo com Wang (1969) o processo de mudança fonológica por difusão lexical é regular, desde que não

haja nenhum outro processo de mudança atuando concomitantemente, ou seja, a existência de resíduo se deve à atuação simultânea de duas regras. Os blocos de itens lexicais estabelecidos na tabela 4.14 e na listagem serão observados tendo em vista as duas questões acima mencionadas.

Com relação à primeira vê-se que a distribuição dos itens lexicais parece apresentar evidências contrárias à hipótese de que a alta freqüência de certos itens seja um fator de favorecimento à aplicação de uma regra. De um lado, o primeiro bloco de itens (aquele que registra o maior percentual de vocalização) é constituído por um item de alta freqüência na língua - trabalhar - confirmando, portanto, a hipótese levantada acima; de outro lado, o terceiro bloco (aquele que registra o menor percentual de vocalização) constituiu-se, em parte, de alguns itens de alta freqüência como, por exemplo mulher e filho, contrariando portanto, a referida hipótese. (4)

O quarto bloco de itens, aqueles que não apresentam vocalização, mostra evidências contrárias ao favorecimento do fator freqüência. É evidente que esta listagem, por se limitar ao âmbito desta pesquisa, incorpora, certamente, um grupo de itens suscetíveis de vocalização da variável (5). Outros itens incluídos na listagem parecem, entretanto, expressar um comportamento geral comumente observável: o item milhões, por exemplo, é realizado com a variante [ɪ] por pessoas que apresentam a variante [y] de forma categórica (6). Dessa forma, se considerados dois itens freqüentes na língua, um deles apresenta alto percentual de vocalização e outro, não, é evidente que a freqüência não é o fator de favorecimento. Acredito que a freqüência de um item tanto pode ser fator de favorecimento quanto de desfavorecimento para a aplicação de uma regra fonológica, no seguinte sentido: o conteúdo semântico de um item lexical é associado à avaliação social de determinada forma lingüística. Quanto mais uma forma lingüística carrega consigo um rótulo de prestígio, mais os itens através dos quais se pretende obter prestígio a adotarão. Por exemplo: outro item freqüente na língua e com baixo percentual de vocalização, no "corpus", é o item mulher (7). A ausência de vocalização nesse item é supreendente, num primeiro momento, por ser um dos itens mais citados na literatura, como exemplo de ocorrência de vocalização. Entretanto, se considerar

mos, novamente, a questão ideológica que envolve a produção linguística, pode-se hipotetizar uma explicação para a não vocalização de mulher. É possível que, quando mencionado em contextos que evocam a entidade feminina por oposição à masculina, o item mulher remeta a questões que envolvem, na sociedade atual, a luta da mulher pelos seus direitos. Na medida em que a variante carrega consigo a noção de estigma, ela tenderia a ser evitada exatamente nesses contextos.

Uma abordagem como a acima sugerida requer, evidentemente, que se associe ao estudo da variação linguística o conteúdo semântico dos itens considerados e a sua relação com os quadros ideológicos da sociedade estudada.

Com relação à segunda questão anteriormente mencionada — a do resíduo — que nos remete à listagem do quarto bloco de itens, observa-se o seguinte: o número restrito de ocorrência de cada item justifica, em parte, que se considere a ausência de vocalização dos mesmos como um aspecto relativo a esta pesquisa, apenas.

Alguns, itens, entretanto, apresentam certos aspectos estruturais que justificariam suas características de "verdadeiro" resíduo no sentido proposto por Wang (1969). Os itens a que estou me referindo são os seguintes: Guilherme (8), escolher, e detalhe. Esses itens apresentaram respectivamente, 60%, 55% e 10% de ocorrência com a variante [ l ]. Cabe ressaltar que, para o verbo escolher, esse percentual refere-se à forma "escolhe", exclusivamente. Esses itens parecem evidenciar a atuação de uma mudança competitiva no seguinte sentido: a variação entre [ l ] e [ y ] é o resultado da atuação de dois processos fonológicos distintos. A variante [ l ] parece ser sensível ao parâmetro segmento seguinte (através das vogais anteriores), ao passo que a variante [ y ] não é sensível a nenhum parâmetro estrutural a nível fonológico. Nesse sentido, os itens Guilherme, escolher e detalhe podem estar ilustrando o efeito de uma mudança competitiva que atua no momento atual dentro de um quadro de variação. Eles parecem se apresentar, apenas, como candidatos a resíduo da regra de vocalização, pois só seriam resíduo de fato se já tivessem sido

reestruturados com a variante { 1 }<sup>(9)</sup> já que, neste momento, a regra de vocalização teria perdido seu ambiente fonético de atuação, nesses itens<sup>(10)</sup>.

Abordei até aqui a questão da difusão lexical nos seus aspectos estruturais, apenas. Procurei apresentar alguns indícios de que a regra de vocalização se aplica por difusão lexical. Como esse processo se inscreve num quadro de variação lingüística ( e a variação lingüística recebe tratamento objetivo na medida em que é observada à luz dos fatores extra-lingüísticos); a questão da difusão lexical será retomada durante a análise dos parâmetros não-estruturais, no próximo capítulo.

NOTAS DO CAPÍTULO 4

- (1) Está também incluída no item a forma nominal trabalho.
- (2) O total soma 732 dados porque foram excluídas, nesta tabela os dois dados cujo segmento seguinte é  $\emptyset$ .
- (3) Foi excluído dos blocos de itens lexicais o item [kõvehsayada] que registrou apenas uma ocorrência. Esse dado recebeu uma análise distinta desta, o que será visto no capítulo 5.
- (4) É difícil dizer aprioristicamente o que é um item de alta ou baixa frequência. Contudo, pode-se observar que certos itens requerem um contexto específico para se realizarem; outros, não. Neste sentido, estes últimos tendem a ser mais frequentes.
- (5) Estão incluídos, por exemplo, na listagem os itens: milho, vermelho, joelho, folha, atrapalhar, recolher, rolha, galho, retalho, molhar, nos quais, em observações assistemáticas, eu registrei vocalização da variável.
- (6) Trata-se de observação assistemática ( não é da do da pesquisa ). A respeito de sua ocorrência num determinado grupo social, no âmbito da pesquisa, ver a análise dos parâmetros não estruturais no cap. 5.
- (7) A única vocalização deste item se deu numa expressão cristalizada: muié-macho.
- (8) Incluí nomes próprios entre os dados, porque me pareceu que, apesar de terem estes, comportamentos específicos, eles podem ser, pelas suas características estruturais, submetidos a diferentes processos.

- ( 9) O processo de reestruturação para [ l ] é possível de se prever para os itens Guilherme e detalhe, mas não para escolhe, que, nas suas outras realizações paradigmáticas, não apresenta o ambiente favorecedor vogal anterior.
- (10) O item mulher, pode num certo sentido, estar também ilustrando a atuação de uma regra competitiva através da vogal [ ɛ ] em posição seguinte à variante. Nesse sentido, ele condensa dois pré-requisitos para não ser vocalizado: a condição estrutural e a avaliação social de prestígio de uma de suas conotações.

C A P Í T U L O 5

ANÁLISE DOS PARÂMETROS NÃO-ESTRUTURAIS

## INTRODUÇÃO

Este capítulo se organiza da seguinte maneira: a seção 1 analisa o conjunto dos parâmetros não-estruturais; a 2 relaciona os parâmetros não-estruturais e o processo de difusão lexical; a seção 3 retoma aspectos de determinados itens relacionados a fatores não-estruturais e apresenta alguns itens que evidenciam um estágio próximo ao de reestruturação lexical.

### 1. OS PARÂMETROS NAO-ESTRUTURAIS

Conforme foi visto na descrição dos parâmetros não-estruturais, os informantes foram divididos em dois grupos sociais: G1 (grupo sócio-economicamente mais favorecido), G2 (grupo sócio-economicamente menos favorecido). Foram igualmente divididos por sexo - F (feminino), M (masculino) — e por idade: J (jovem) A (adultos). Os dados foram classificados de acordo com o estilo de fala no qual ocorreram, sendo considerado F (estilo formal) e I (estilo informal).

A tabela 5.1 apresenta os resultados obtidos para cada parâmetro.

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
Grupo Social	G 1	402	15	04	76.538
	G 2	332	88	27	
Sexo	F	483	57	12	6.087
	M	251	46	18	
Idade	J	405	62	15	1.140
	A	329	41	12	
Estilo	F	379	56	15	0.405
	I	355	47	13	
TOTAL		734	103	14	

Tabela 5.1: Efeito dos parâmetros grupo social, sexo, idade e estilo.

A tabela 5.1 mostra que os fatores G2 (grupo menos favorecido) e M (masculino) favorecem a vocalização de [ t̥ ]. Procurei então, saber se esse comportamento de M restringia-se a G2 ou não. Para isso, estabeleci a comparação entre o efeito de F (feminino) e de M (masculino) em cada um dos grupos sociais considerados. O resultado dessa comparação pode ser visto na tabela 5.2, abaixo:

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
G1	F	257	07	03	2.790
	M	145	08	06	
G2	F	226	50	22	7.121
	M	106	38	36	
TOTAL		734	103	14	

Tabela 5.2: Comparação dos efeitos de sexo feminino e masculino por grupo social

A tabela 5.2, mostra que o favorecimento do sexo masculino se dá em G2. Vale observar contudo, que em G1 esse efeito apesar de pouco acentuado se mantém.

Assim como de um grupo social para o outro (G1 para G2) o comportamento dos homens aponta para uma mesma direção, isto é, mostra uma maior tendência ao uso de uma variante estigmatizada, também, quando divididos por faixa etária, os homens apresentam um comportamento equivalente. A tabela 5.3 confirma essa tendência.

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
F	J	278	44	16	9.868
	A	205	13	06	
M	J	127	18	14	2.659
	A	124	28	23	
TOTAL		734	103	14	

Tabela 5.3: Comparação do efeito de idade por sexo

A tabela 5.3 mostra ainda que as mulheres mais jovens apresentam um maior favorecimento, que se localiza em G2. O comportamento das mulheres se diferencia, portanto, dependendo da faixa etária e do grupo social, conforme se pode ver na tabela 5.4:

PARÂMETROS			TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO
G1	F	J	124	01	01
		A	133	06	05
	M	J	80	06	08
		A	65	02	03
G2	F	J	154	43	28
		A	72	07	10
	M	J	47	12	26
		A	59	26	44
TOTAL			734	103	14

Tabela 5.4: Comparação do efeito de idade por sexo e grupo social(1).

O comportamento das mulheres, tanto na tabela 5.3 como na tabela 5.4, apresenta-se equivalente à tendência descrita por Labov (1976), segundo a qual as

mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio. Já que  $\{ y \}$  é uma variante estigmatizada, espera-se que os homens favoreçam mais a sua realização do que as mulheres.

A atuação do parâmetro sexo no que se refere à realização de  $\{ y \}$  pode ser melhor observada nos gráficos 1 e 2, a seguir:

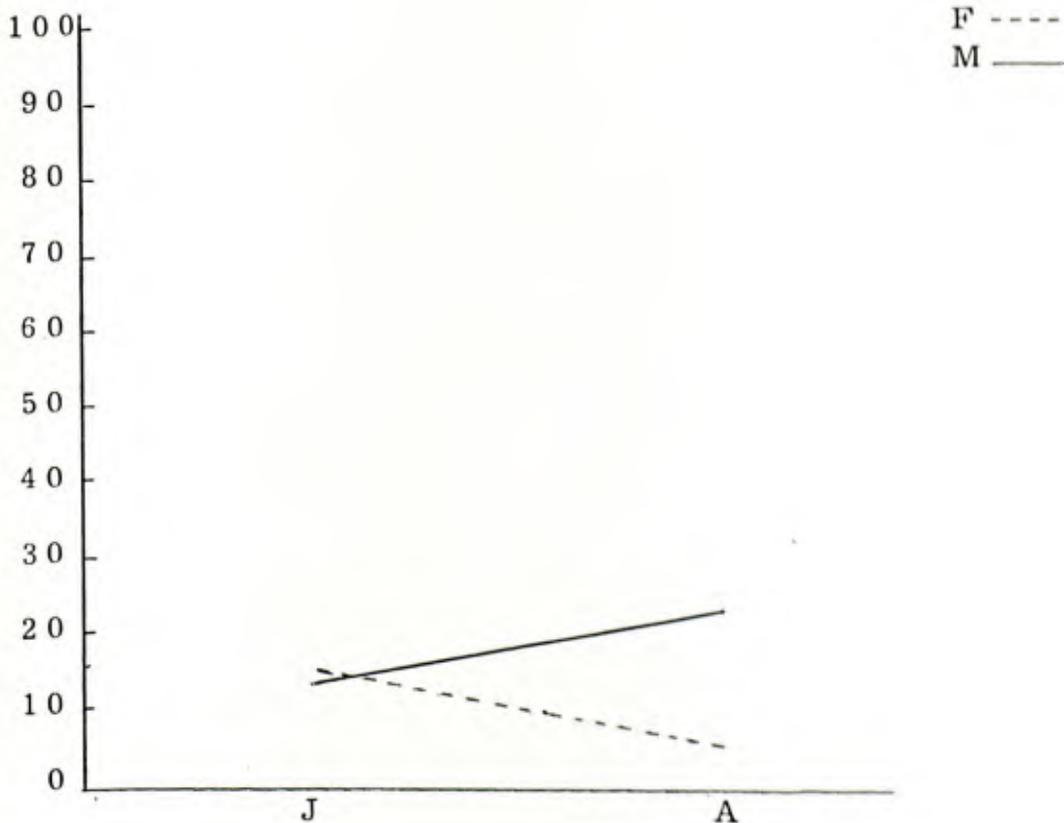


Gráfico 1: Comparação do efeito de sexo por idade.

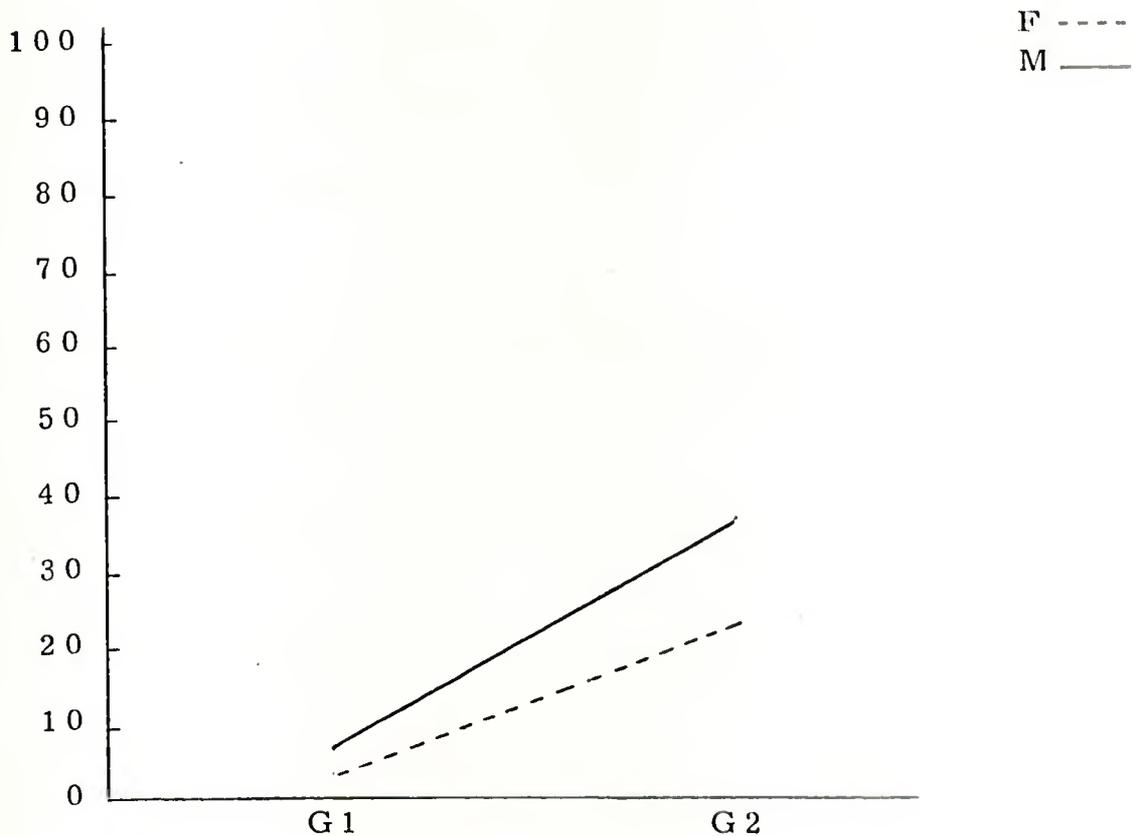


Gráfico 2: Comparação do efeito de sexo por grupo social

Os favorecimentos que se mantêm, portanto, no total dos dados são o de G2 e o de M (masculino). O de J (jovem) é específico de um grupo mais restrito. (2)

## 2. OS PARÂMETROS NÃO-ESTRUTURAIS E A DIFUSÃO LEXICAL

Esta seção relacionará os blocos de itens lexicais a cada um dos parâmetros não-estruturais analisados, de modo a verificar se a distribuição dos itens lexicais quanto à vocalização está interferindo nos favorecimentos apontados na seção 1, deste capítulo. A seguir, serão retomados cada um dos blocos de itens lexicais estabelecidos no capítulo anterior.

2.1 A ATUAÇÃO DOS PARÂMETROS NÃO-ESTRUTURAIIS NO PRIMEIRO BLOCO DE DADOS

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$\chi^2$
Grupo Social	G1	108	06	06	48.122
	G2	140	60	43	
Sexo	F	138	30	22	4.102
	M	110	36	33	
Idade	J	118	41	35	6.697
	A	130	25	19	
Estilo	F	171	42	25	1.355
	I	77	24	31	
TOTAL		248	66	27	

Tabela 5.5: Efeito dos parâmetros grupo social, idade, sexo e estilo no primeiro bloco de dados.

A tabela 5.5 aponta um favorecimento dos fatores G2, M e J. Confrontando esses resultados com os apresentados na tabela 5.1, observa-se uma diferença: o favorecimento de J (jovem).

A tabela 5.6, abaixo, expressa o favorecimento do sexo masculino nos dois grupos sociais G1 e G2.

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$\chi^2$
G1	F	50	00	00	6.354
	M	58	06	10	
G2	F	88	30	34	7.99
	M	52	30	58	
TOTAL		248	66	27	

Tabela 5.6: Efeito do parâmetro sexo por grupo social no primeiro bloco de dados.

Esses resultados apresentam uma segunda diferença com relação aos das tabelas anteriores. A vocalização parece ser sensível ao parâmetro sexo também em G1 onde se observa favorecimento por parte do fator M (masculino). O comportamento dos homens, nesse bloco, confirma, de forma nítida, uma tendência que, na tabela 5.2, apenas se esboçava, quando se comparava o fator M (masculino) de G1 e G2.

A influência dos jovens aparece, também, na tabela 5.7:

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$\chi^2$
G1	J	45	04	09	0.705
	A	63	02	03	
G2	J	73	37	51	2.923
	A	67	23	34	
TOTAL		248	66	27	

Tabela 5.7: Efeito da faixa etária por grupo social no primeiro bloco de dados.

Na análise do favorecimento da variante [ y ] pelos jovens, tendo em vista o parâmetro grupo social, verifica-se que o efeito demonstrado pela tabela 5.5 não se mantém. No entanto, tal efeito reaparece quando se cruzam os parâmetros sexo e idade, conforme mostra a tabela 5.8:

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$\chi^2$
F	J	81	28	35	17.697
	A	57	02	04	
M	J	37	13	35	0.184
	A	73	23	32	
TOTAL		248	66	27	

Tabela 5.8: Efeito da idade por sexo no primeiro bloco de dados.

A tabela 5.8 torna mais nítidas as informações fornecidas pela tabela 5.3. O efeito do parâmetro idade é relevante no que se refere ao fator F (feminino) e neutro em relação a M (masculino).

Além do mais, se relacionado o favorecimento dos fatores FJ (feminino, jovem) às informações contidas nas tabelas 5.6 e 5.7, é possível concluir que o ponto de localização desse favorecimento, quanto a grupo social, se dá em G2. Foi também essa a conclusão tirada a partir da tabela 5.3<sup>(3)</sup>, o que é ilustrado pela tabela 5.9, a seguir:

PARÂMETROS			TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$\chi^2$
G1	F	J	25	00	00	00
		A	25	00	00	
	M	J	20	04	20	00
		A	38	02	05	
G2	F	J	56	28	50	14.577
		A	32	02	06	
	M	J	17	09	53	1.489
		A	35	21	60	
TOTAL			248	66	27	

Tabela 5.9: Efeito de idade por sexo e grupo social no primeiro bloco de dados

Os percentuais de ocorrência da vocalização de [ t ] no primeiro bloco de dados sugere que esteja havendo uma propagação social da reestruturação de trabalhar. A gradação das frequências de vocalização desse item, observável na tabela 5.9, corresponde à gradação das frequências de ocorrência caracterizadoras de uma mudança em progresso: os maiores percentuais são registrados no grupo social mais baixo, que implementa a regra de vocalização; esse fenômeno se estende aos jovens de G1.

As informações contidas nas tabelas 5.6 e 5.8 são visualizadas nos gráficos 3 e 4, a seguir:

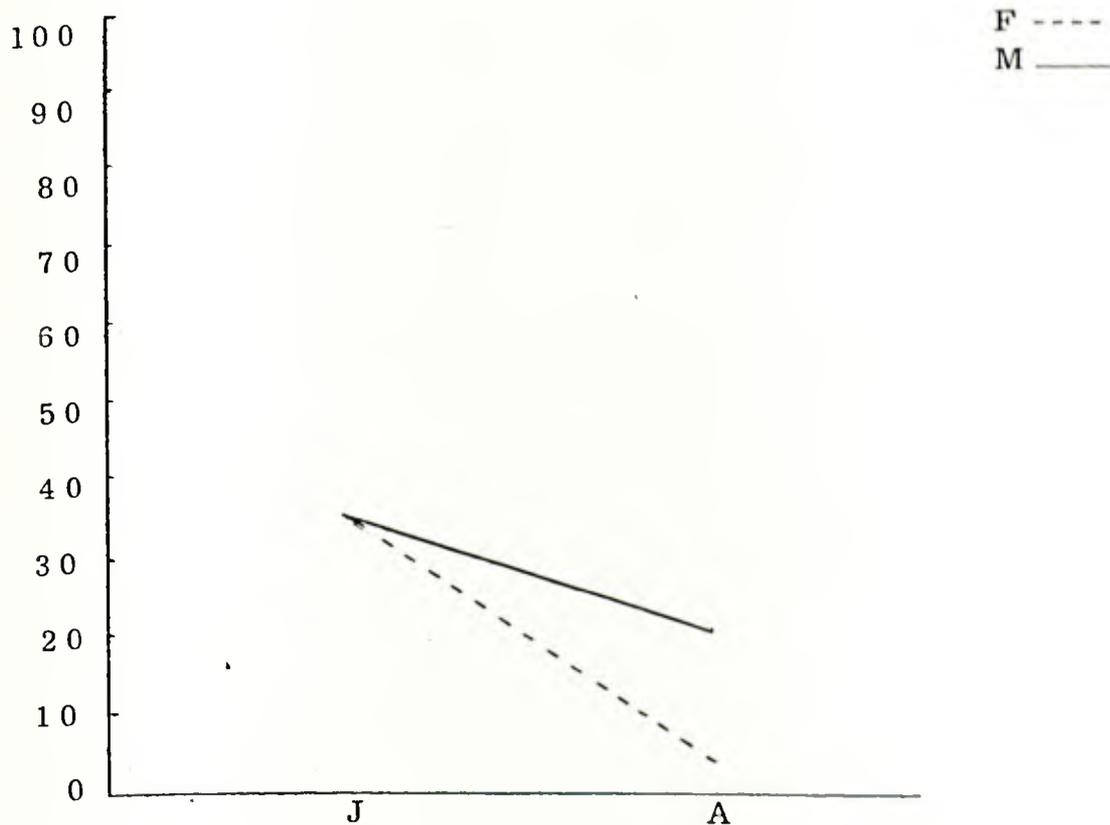


Gráfico 3 : Efeito do parâmetro sexo por idade, no primeiro bloco (item trabalhar)

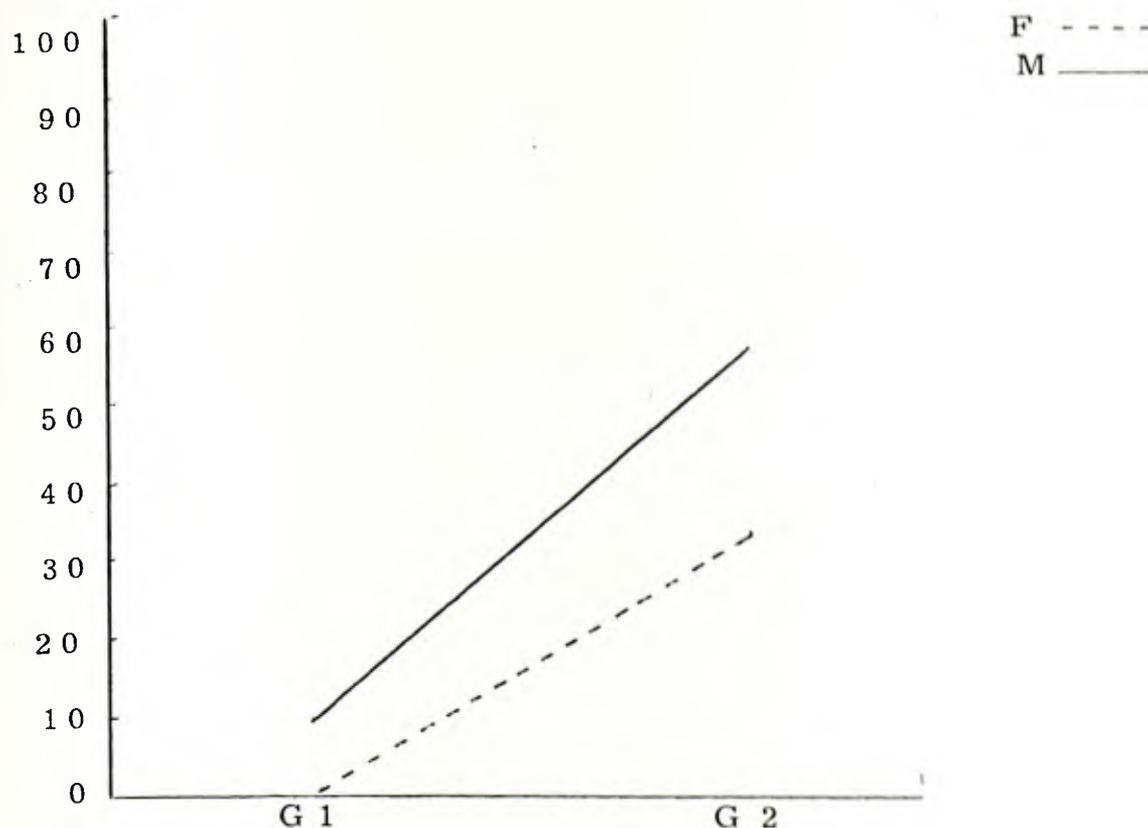


Gráfico 4 : Efeito do parâmetro sexo por grupo social no primeiro bloco ( item trabalhar )

Pelo gráfico 3 é possível verificar que o item trabalhar evidencia a diferença de comportamento de AF (adulto, feminino) e AM (adulto, masculino) e iguala o comportamento dos jovens de ambos os sexos.

No gráfico 4, o item trabalhar realça a diferença entre homens e mulheres. Existe um espaçamento maior entre os dois sexos em ambos os grupos sociais, como já mostrou o gráfico 2. O conjunto dos dois gráficos, 3 e 4, nos permite visualizar o favorecimento dos dois parâmetros sexo e grupo social, evidenciado pelo item trabalhar.

## 2.2 A ATUAÇÃO DOS PARÂMETROS NÃO-ESTRUTURAIIS COM EXCLUSÃO DO PRIMEIRO BLOCO DE DADOS

A análise do primeiro bloco vem confirmando os favorecimentos observados na primeira seção. Mas não se

sabe ainda até que ponto o primeiro bloco determinou esses resultados. Os mesmos parâmetros serão, agora, retomados para se verificar sua atuação, no conjunto dos dados, com a exclusão do primeiro bloco de dados (trabalhar).

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
Grupo	G1	294	09	03	28.771
Social	G2	192	28	15	
Sexo	F	345	27	08	0.156
	M	141	10	07	
Idade	J	287	21	07	0.494
	A	199	16	08	
Estilo	F	208	14	07	1.060
	I	278	23	08	
TOTAL		486	37	08	

Tabela 5.10: Efeito dos parâmetros não-estruturais excluindo o primeiro bloco de dados

Pela tabela 5.10, o único favorecimento que se mantém é o de grupo social. O favorecimento do fator M, evidenciado pela análise do conjunto de todos os dados (tabela 5.1) aparece, agora, neutralizado. Esperava-se entretanto, que esse favorecimento se evidenciasse numa reanálise baseada nos cruzamentos dos parâmetros sexo e grupo social, sexo e idade. O resultado dessa reanálise podem ser vistos nas tabelas 5.11 e 5.12, a seguir.

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
G1	F	207	07	03	0.514
	M	87	02	02	
G2	F	138	20	14	0.218
	M	54	08	15	
TOTAL		486	37	08	

Tabela 5.11: Efeito do parâmetro sexo por grupo social, excluindo o primeiro bloco de dado

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
F	J	197	16	08	00
	A	148	11	07	
M	J	90	05	06	0.448
	A	51	05	10	
TOTAL		486	37	08	

Tabela 5.12: Efeito do parâmetro idade por sexo, excluindo o primeiro bloco de dados.

As tabelas 5.11 e 5.12 mostram que, ao excluir o primeiro bloco de dados, o favorecimento de sexo aparece definitivamente neutralizado.

As informações da tabela 5.10, associadas às das tabelas 5.11 e 5.12, confirmam que, com exceção do parâmetro grupo social, o item lexical trabalhar é o responsável pelos outros favorecimentos apontados na primeira seção deste capítulo através das tabelas 5.1, 5.5 e 5.10. A gradação desses favorecimentos pode ser melhor visualizada atentando-se para o quadro, a seguir.

DADOS ANALISADOS	FAVORECIMENTO		X <sup>2</sup>
	PARÂMETRO	FATOR	
item trabalhar primeiro bloco de dados (tabela 5.5)	grupo social	G2	48.122
	sexo	M	4.102
	idade	JFG2	6.697
conjunto dos dados (tabela 5.1)	grupo social	G2	76.538
	sexo	M	6.087
dados com exclusão de trabalhar	grupo social	G2	28.771

Resumo das informações contidas nas tabelas 5.1, 5.5 e 5.10.

A exclusão de trabalhar realça as diferenças de G1 e G2, embora paralelamente, os dois grupos apresentam uma distribuição interna mais homogênea do que a apresentada nas tabelas 5.4 e 5.9. Isso pode ser observado na tabela 5.13

PARÂMETROS			TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
G 1	F	J	99	01	01	2.412
		A	108	06	06	
	M	J	60	02	03	-
		A	27	00	00	
G 2	F	J	98	15	15	0.277
		A	40	05	13	
	M	J	30	03	10	2.483
		A	24	05	21	
TOTAL			486	37	08	

Tabela 5.13: Comparação do efeito de grupo social por sexo e por idade excluindo o item trabalhar

Até o momento, a regra de vocalização mostrou-se sensível a dois parâmetros: grupo social e item lexical. A análise dos parâmetros não-estruturais no primeiro bloco de dados, evidencia melhor certas características básicas de uma variante estigmatizada (favorecimento pelo grupo social mais baixo e pelo sexo masculino) do que a análise que leva em conta a totalidade dos dados. A partir desses favorecimentos o item lexical recebe uma primeira confirmação de que é, de fato, o elemento que mais favorece a aplicação da regra de vocalização, no conjunto dos dados desta pesquisa.

Isso seria confirmado se a gradação de favorecimento que justificou a distinção de blocos de itens (estabelecida no capítulo 4 seção 4) se evidenciasse em igual proporção na sua distribuição social. Buscando tal confirmação serão analisados os efeitos de todos os parâmetros não-estruturais com relação ao segundo e ao terceiro bloco de itens lexicais.

### 2.3 A ATUAÇÃO DOS PARÂMETROS NÃO-ESTRUTURAIS NO SEGUNDO BLOCO DE DADOS

Os efeitos dos parâmetros não-estruturais em relação ao segundo bloco de itens lexicais pode ser visto na tabela a seguir:

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$\chi^2$
Grupo Social	G1	112	05	04	20.494
	G2	88	23	26	
Sexo	F	136	19	14	00
	M	64	09	14	
Idade	J	128	17	13	0.180
	A	72	11	15	
Estilo	F	83	11	13	0.168
	I	117	17	15	
TOTAL		200	28	14	

Tabela 5.14: Efeito dos parâmetros não-estruturais no segundo bloco de itens lexicais

O segundo bloco de dados repete, através da tabela 5.14, os resultados da tabela 5.10 (parâmetros não-estruturais, com exclusão do primeiro bloco), isto é, o único parâmetro que se mantém como favorecedor é o grupo social. Pelos resultados da análise do primeiro bloco de dados, esperava-se que o favorecimento de sexo, que se evidenciava, se repetisse no segundo bloco de itens, o que não ocorreu. Seria possível, ainda, que o favorecimento de sexo fosse recuperável no cruzamento dos parâmetros grupo social e idade. Os resultados das tabelas 5.15 e 5.16, a seguir, demonstram, entretanto, que a interferência da variável sexo está definitivamente neutralizada, no segundo bloco de itens lexicais.

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	X <sup>2</sup>
G 1	F	68	02	03	0.871
	M	44	03	07	
G 2	F	68	17	25	00
	M	20	06	30	
TOTAL		200	28	14	

Tabela 5.15: Efeito de sexo por grupo social no segundo bloco de itens lexicais

A tabela 5.15 evidencia, entretanto, que o fator M (masculino) continua apresentando uma frequência de vocalização superior à apresentada pelo fator F (feminino) em ambos os grupos sociais. Apesar de menos evidentes, as tendências são as mesmas que as apresentadas na análise do primeiro bloco (cf. tabela 5.6).

Os efeitos do parâmetro idade por sexo são apresentadas na tabela 5.16.

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$\chi^2$
F	J	87	13	15	0.261
	A	49	06	13	
M	J	41	04	10	-
	A	23	05	22	
TOTAL		200	28	14	

Tabela 5.16: Efeito de idade por sexo no segundo bloco de itens lexicais

Se comparados os resultados percentuais da tabela 5.16 com os da tabela 5.8,, é possível observar que a tendência do comportamento das mulheres é a mesma: as jovens estão na frente, embora com uma ligeira diferença em relação às adultas. Quanto aos homens, os resultados aparecem invertidos: na tabela 5.9, os homens não se distinguem por faixa etária, praticamente; a tendência dos resultados era manter os jovens ligeiramente à frente, ao passo que aqui, tal posição é ocupada pelos adultos e a diferença entre os percentuais é maior. A distribuição social do primeiro e segundo blocos indica que estamos lidando com uma variável estável. Entretanto, o primeiro bloco, quando comparado ao segundo, apresenta leves indícios de crescimento.

#### 2.4 A ATUAÇÃO DOS PARÂMETROS NÃO-ESTRUTURAIIS NO TERCEIRO BLOCO DE DADOS

Se a gradação dos blocos de itens está realmente ilustrando um processo de difusão lexical, espera-se que as diferenças dos parâmetros não-estruturais, entre si, decresçam mais ainda no terceiro bloco de itens lexicais.

Os efeitos dos parâmetros não-estruturais em relação ao terceiro bloco de itens lexicais encontram-se na tabela 5.17:

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO	$\chi^2$
Grupo Social	G 1	134	04	03	0.556
	G 2	65	04	06	
Sexo	F	160	08	05	00
	M	39	00	00	
Idade	J	105	03	03	0.520
	A	94	05	05	
Estilo	F	75	02	03	0.554
	I	124	06	05	
TOTAL		199	08	04	

Tabela 5.17: Efeito dos parâmetros Grupo social, sexo, idade, estilo no terceiro bloco de itens lexicais

A análise dos dados do terceiro bloco apresenta, de fato, um decréscimo nas diferenças observadas nos parâmetros não-estruturais. A tabela 5.17 revela que, no terceiro bloco, até mesmo o favorecimento de grupo social é neutralizado<sup>(4)</sup>.

A tabela mostra, ainda, uma inversão percentual no parâmetro sexo, com relação ao primeiro e segundo blocos e uma maior aproximação entre as duas faixas etárias. É evidente, contudo, que o número reduzido de dados de aplicação de regra, neste terceiro bloco, impede uma avaliação mais objetiva.

As tabelas 5.18 e 5.19 apresentam respectivamente, o cruzamento de sexo por grupo social e o de sexo por idade.

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO
G 1	F	112	04	04
	M	22	00	00
G 2	F	48	04	08
	M	17	00	00
TOTAL		199	08	04

Tabela 5.18: Efeito do parâmetro grupo social por sexo no terceiro bloco de itens lexicais.

PARÂMETROS		TOTAL DE DADOS	TOTAL DE APLICAÇÃO	% DE APLICAÇÃO
F	J	85	03	04
	A	75	05	07
M	J	20	00	00
	A	19	00	00
TOTAL		199	08	04

Tabela 5.19: Efeito do parâmetro sexo por idade no terceiro bloco de itens lexicais.

Comparados aos resultados obtidos na análise do primeiro e segundo blocos, os resultados relativos ao terceiro bloco de itens lexicais (tabelas 5.18 e 5.19) apresentam uma inversão; no primeiro caso, os homens favoreciam a vocalização; no último, as mulheres. Além disso, há outra diferença nos resultados quando se estabelece a comparação entre o segundo e o terceiro bloco de itens lexicais: no primeiro caso, o parâmetro idade, entre os homens, não exerce qualquer influência sobre a aplicação da regra; no segundo, os homens jovens favorecem a vocalização.

As informações básicas inferidas a partir das análises

ses dos três blocos de itens lexicais que doravante serão chamados, respectivamente, B1, B2 e B3, estão expressas nos gráficos que seguem:

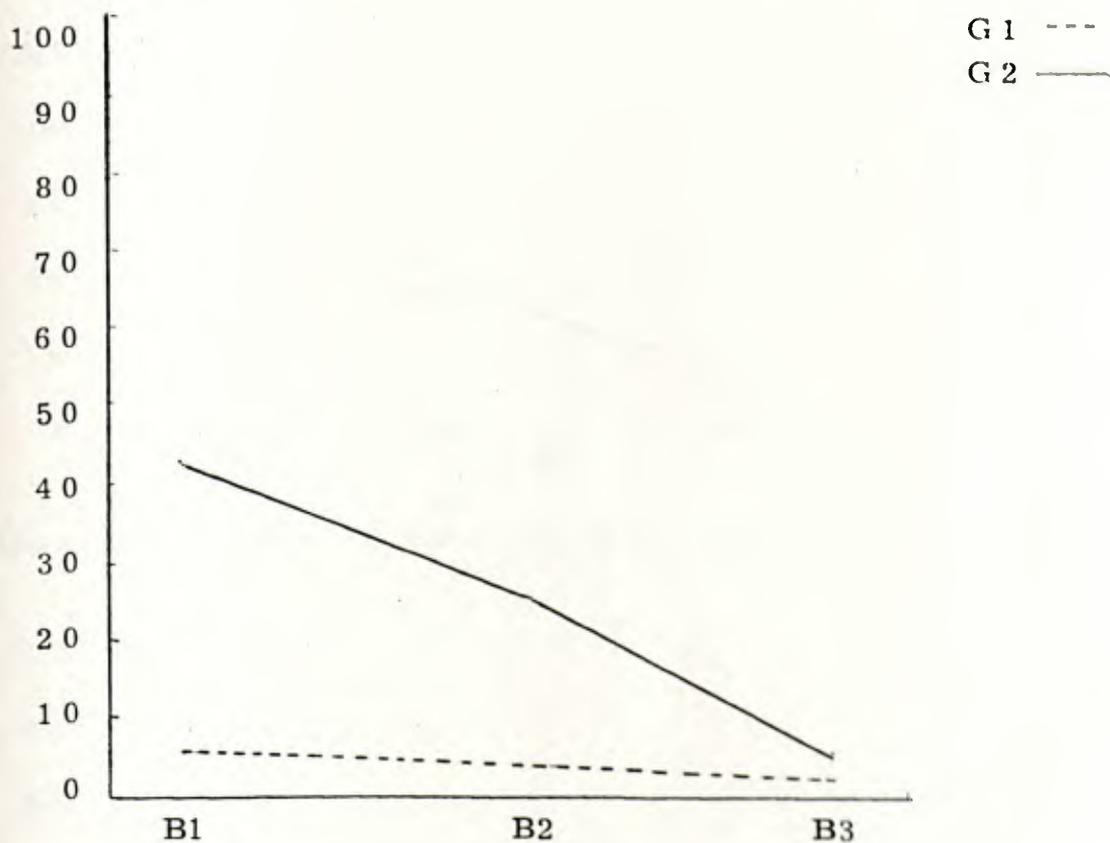


Gráfico 5: Efeito de grupo social por blocos de itens lexicais

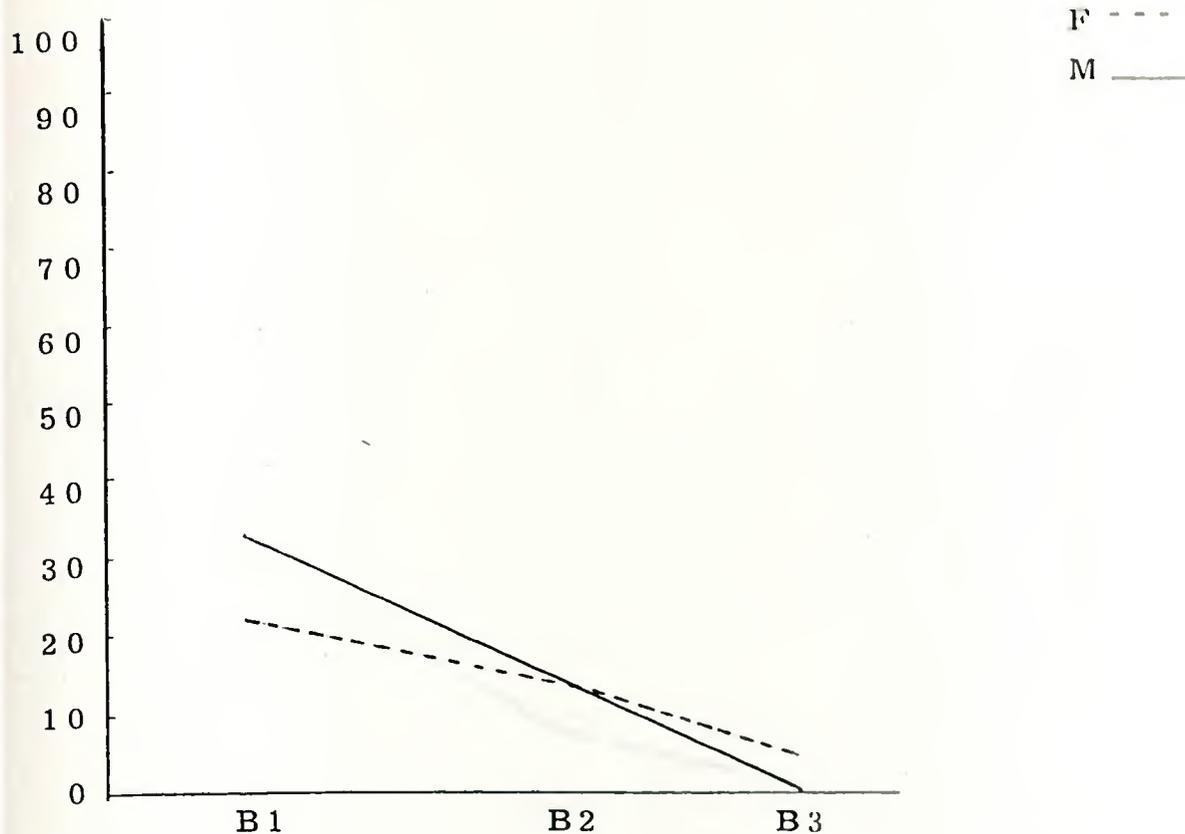


Gráfico 6: Efeito de sexo por blocos de itens lexicais

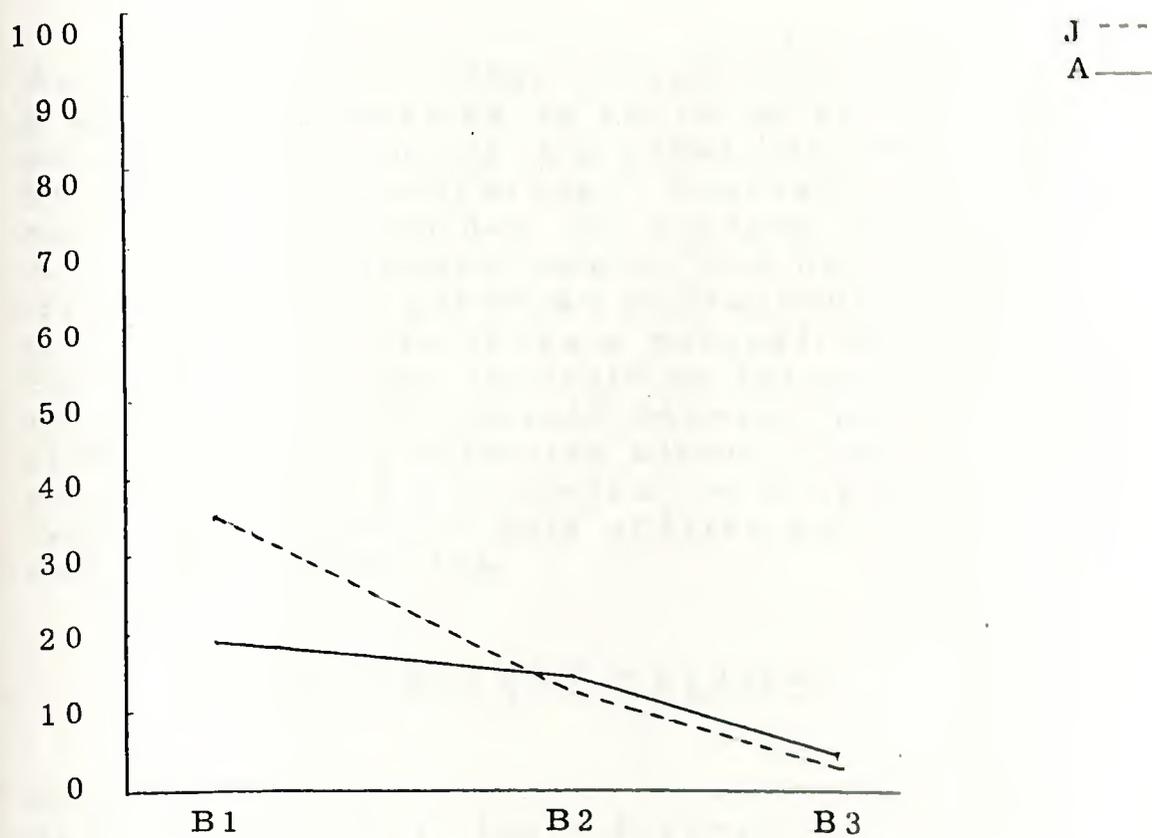


Gráfico 7: Efeito de idade por blocos de itens lexicais

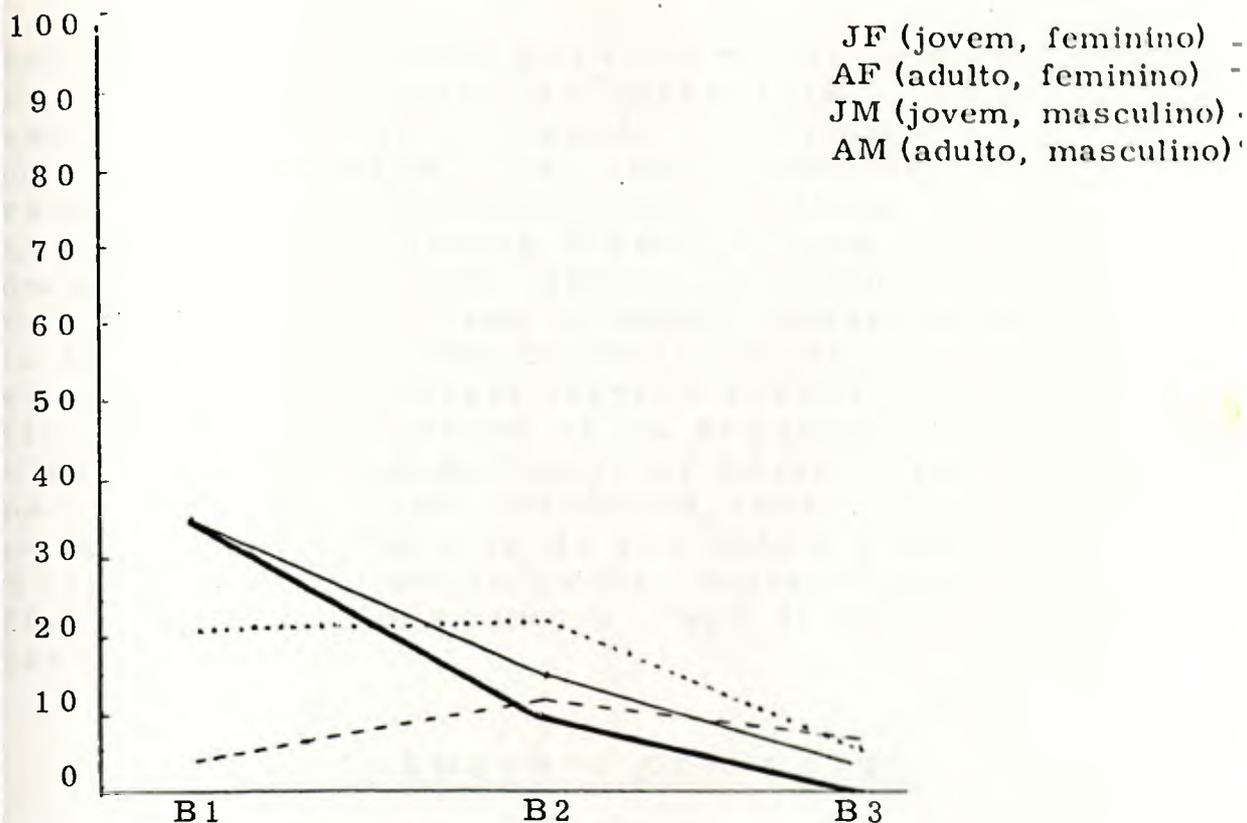


Gráfico 8: Efeito de idade por sexo nos três blocos de itens lexicais.

As três análises vistas conjuntamente mostram que a aplicação gradativa da regra de vocalização, através do léxico, apontada a nível estrutural, se repete no nível não-estrutural. Esperava-se que G2 favorecesse mais do que G1 a regra de vocalização. A gradação do favorecimento dos blocos de itens corresponde a uma gradação decrescente dos favorecimentos de G2, que chega a neutralizar-se no terceiro bloco de dados. O efeito de faixa etária evidencia também um favorecimento decrescente dos blocos de itens a partir do primeiro bloco. Nesse sentido, a vocalização de [ t̥ ] ilustra um processo de difusão lexical, confirmado pela análise não-estrutural dos dados desta pesquisa.

## 2.5 A QUESTÃO DO ESTILO

Embora se esperasse que, no estilo informal, a vocalização de [ t̥ ] fosse favorecida, isso não ocorreu, como revelam as tabelas da seção 1 e 2. Uma

explicação encontrada para esse fato baseia-se no seguinte: após a primeira entrevista, foram realizados os testes de percepção linguística e de nomeação de gravuras, que, indiretamente, revelaram aos meus informantes o assunto da minha pesquisa. Em consequência disso, ao participarem da segunda entrevista, esses informantes já estavam mais atentos à sua produção linguística. Tanto assim que os dados correspondentes à primeira entrevista registraram ligeiro favorecimento do estilo informal, enquanto os da segunda não o fizeram. Uma outra explicação possível seria esta: o estilo não exerce qualquer influência sobre a vocalização porque tal fenômeno se dá por difusão lexical. Todavia, a vocalização não se mostrou sensível à influência de estilo mesmo a nível de blocos de itens lexicais.

### 3. OS PARÂMETROS NÃO-ESTRUTURAIS E ASPECTOS DE DETERMINADOS ITENS LEXICAIS

Em G2 praticamente todos os itens lexicais apresentam vocalização, enquanto, em G1, apenas cinco dos itens foram suscetíveis ao fenômeno conforme mostra a tabela 5.20

BLOCOS	ITENS LEXICAIS	TOTAL DE DADOS		TOTAL DE APLICAÇÃO		% DE APLICAÇÃO	
		G1	G2	G1	G2	G1	G2
1	trabalhar	108	140	06	60	06	43
2	barulho	04	05	00	02	00	40
	falhar	03	07	00	02	00	29
	orelha	03	03	00	01	00	33
	velho	30	08	03	03	10	37
	olhar	50	37	02	09	04	24
	família	22	19	00	05	00	26
	agulha	00	09	00	01	00	09
3	aconselhar	04	07	00	00	00	14
	filho	75	17	03	02	04	12
	melhorar	16	25	00	01	00	04
	mulher	39	15	01	00	02	00

Tabela 5.20: Aplicação da regra de vocalização em cada item lexical, por grupo social

A análise não-estrutural apresentou indícios de que o processo de difusão lexical se evidencia nos dois grupos sociais observados. Esperava-se, portanto, que os itens que apresentaram vocalização em G1 fossem exatamente aqueles que apresentaram em G2, os maiores percentuais. Em G2, existe uma gradação entre os percentuais de vocalização apresentados por quatro itens lexicais que são também vocalizados em G1. Esses itens são: trabalhar, velho, olhar e filho, entre os quais destacam-se, pelos seus percentuais, os dois primeiros. Estes dois itens reúnem algumas características, que, de acordo com a hipótese levantada no capítulo 1, seriam um fator de favorecimento à implementação da regra de vocalização.

Trabalhar - A conotação pejorativa do item trabalhar pode ser observada naquelas situações em que o uso do item está relacionado à oposição lazer / trabalho. Lazer tem conotação positiva, trabalho tem conotação negativa. Essa constatação não é subjetiva. A associação encontrada na Bíblia entre trabalho e castigo, a origem do item trabalho (do latim "tripalium" = instrumento de tortura) são apenas algumas evidências da conotação negativa desse item.

Velho - esse item é o que apresenta maior percentual de vocalização em G1, ao passo que está em segundo lugar em G2. A conotação pejorativa desse item evidencia-se pelo seu uso em determinadas situações e pela sua substituição em outras. O teste de percepção lingüística realizado com os meus informantes ressalta as seguintes observações sobre o uso, com ou sem vocalização, desse item: a vocalização de velho foi menos notada no enunciado:

" Ô Lu, tem um véio no portão pedindo esmola..."

do que no enunciado.

"Gente, os lugar (es) já tão marcado : os mais véio fica atrás, os outro na frente".

Além disso, quando a vocalização não foi notada, o uso do item velho foi apontado como inconveniente, no segundo enunciado, principalmente. Essas observações sugerem que o uso social do item velho esteja associado ao "status" social de quem é portador dessa característica: um velho pedindo esmola pode ser chamado de velho, um outro bem vestido, provavelmente será tratado de forma mais respeitosa.

Essa conotação pejorativa do item reflete-se também no inquérito fonético de Rodrigues (1974): das sete ocorrências registradas desse item, duas são — senhor de idade, já foi moço.

Tal conotação torna esse item um forte candidato à vocalização, em termos da hipótese apresentada na seção 3 do capítulo 1. A análise não-estrutural confirma esse item lexical como favorecedor da vocalização. Mas os dados aqui apresentados só podem ser interpretados, devido ao seu número reduzido, como indícios de favorecimento. Trata-se, todavia, de um indício que eu não gostaria de perder de vista, na medida em que se associa a outro, que os dados de Oliveira (1983 : 170 - 174), apresentam: sua análise estrutural registra o maior valor probabilístico para a vogal [ɛ] no parâmetro vogal precedente à

variável. Não posso afirmar que todas as ocorrências da vogal [ɛ], no trabalho citado, se refiram ao item velho, já que essa pesquisa não registra os percentuais de aplicação da regra de vocalização, por item lexical. Entretanto, considerando os itens mais frequentes dentro do "corpus" aqui analisado, parece-me que o item velho poderia ser responsável por grande parte das ocorrências da vogal [ɛ], em posição imediatamente anterior à variável. Esse indício não passa, na verdade, de uma suposição, pois o ambiente fonológico referido supõe a realização de outros itens, tais como melhor e melhorar, cuja realização fonética (no presente trabalho, pelo menos) registra as formas: [ meɫh ] [ mɛɫh ].

Além dos aspectos relativos à vogal [ɛ], é interessante observar que a referida pesquisa atribui o segundo maior valor probalístico ao [ a ], no parâmetro vogal precedente. Essa vogal corresponde, exatamente, à vogal anterior à variável, no item que a minha análise estrutural aponta como favorecedor da vocalização. o item trabalhar.

### 3.1 A QUESTÃO DA CONOTAÇÃO

Ao tentar observar as conotações de cada item, eu notei uma lacuna que a minha pesquisa de campo apresentava. Todas as observações relativas à conotação são pessoais, sem confirmação por parte dos meus informantes. O aspecto subjetivo dessas observações lhes confere, nesse sentido, o caráter de mera especulação. O fato é que a metodologia utilizada na coleta dos dados não prevê esse tipo de abordagem. Ao seguir a metodologia prevista na teoria da variação, (através da qual eu atingiria o vernáculo, pela técnica de provocar narrativas pessoais, por parte do meu informante), não atentei para o fato de que narrativa de experiência afetiva é algo bem diverso da vivência de experiência afetiva, na medida em que a primeira se constitui num processo reflexivo e a segunda, num processo irreflexivo. Suponho a partir da hipótese formulada, no primeiro capítulo desta pesquisa, que diferentes formas lingüísticas estão associadas a ideologias diversas, que se atualizam de acordo com processos reflexivos ou irreflexivos, motivados por situações intelectivas ou afetivas, respectivamente. A narração de uma experiên-

cia afetiva pode se constituir numa situação intelectual. É pouco provável, portanto, que os meus dados (obtidos numa situação intelectual) mostrem as conotações positivas ou negativas que esses mesmos dados poderiam evidenciar, se originados de situações afetivas. Pode parecer que eu esteja querendo me desvencilhar do paradoxo do observador. O problema, entretanto, parece não estar na busca de uma técnica que a teoria da variação não incorpora, mas, num aspecto da variação lingüística que essa teoria desconhece, ou seja, nos diversificados aspectos conotativos dos itens, na questão semântica, e na sua relação direta com os aspectos culturais e ideológicos dos falantes de cada comunidade, no que diz respeito à evolução lingüística. Se considerarmos que os aspectos acima mencionados são relevantes, encontraremos a técnica adequada para incorporá-los à análise. A lacuna a que me referi anteriormente se evidencia, portanto, na medida em que, apesar de considerar relevantes os aspectos semânticos, fiz uso de uma teoria que os desconsidera: se o fato de me apoiar em tal teoria não impediu, como era de se esperar, que os aspectos semânticos emergissem da análise, é porque outro princípio, o da difusão lexical, direcionou esta análise. É a explicação pessoal que avento para o princípio da difusão lexical, apresentada no capítulo 1, e que me permitiu manter minha hipótese de trabalho. É exatamente nessa hipótese que me levou a considerar, em todos os momentos da análise, os aspectos semânticos provavelmente envolvidos. Isso pode ser ilustrado por uma sábia afirmação de Wang (1969 : 15):

"... perception is a function of expectation"

Já que as conotações implícitas nos itens que compõem o "corpus" em estudo não se evidenciavam de forma objetiva, procurei encontrar algum item cuja conotação fosse exclusivamente portadora de mensagem afetiva (positiva ou negativa). Assim sendo, voltei a considerar um item que havia se destacado, quando da listagem dos dados. Trata-se do item [ kōvehsayada ], que registra uma única ocorrência na realização fonética aqui apresentada. Ao listar esse item, pretendi fazê-lo através da pronúncia padrão, tal como para os outros. Pareceu-me, entretanto, que a forma "padrão" correspondente conversalhada seria bem pouco usual. Se assim o fosse, esse

item estaria dando indícios de estar num estágio de reestruturação lexical. Compreender o processo pelo qual está passando esse item lexical e outros parecidos com ele se tornou objeto de um teste cujos resultados me permitem manter, de forma mais objetiva a hipótese de trabalho. Esse teste será apresentado na próxima seção.

### 3.1.1 A CONOTAÇÃO E O USO DE DETERMINADOS ITENS LEXICAIS

A ocorrência do item lexical "conversaiada" = [ Kõvehsayada ], cuja suposta forma "padrão" conversalhada me pareceu bastante inusitada, remeteu-me a outros itens parecidos, tais como: "prataiada", "brigaiada".

Quanto ao primeiro item, não encontrei no dicionário registro algum. Com relação aos dois outros, Aurélio Buarque de Holanda (1975) indica:

" pratalhada - s.f.l. Porção de comida que enche um prato. 2. Prataria<sup>2</sup>. Há uma pratalhada para lavar".

" brigalhada - s.f. bras. Briga longa ou generalizada"

O mesmo dicionário não registra, entretanto, as formas "prataiada" e "brigaiada" que, apesar de me parecerem mais usuais do que as suas formas correspondentes registradas, parecem ser uma realização não-padrão das mesmas.

Paralelamente, a terminação idêntica desses itens sugere que -alhada é um sufixo, que não encontra, entretanto, nenhum registro nos dicionários ou nas gramáticas consultados. A forma variante -aiada parece ser mais produtiva e, se isso for um fato, estaremos diante de um caso de reestruturação lexical, a nível de sufixo. Essa hipótese originou o teste abaixo descrito.

Escolhi, ao acaso, na Faculdade de Letras da UFMG 27 pessoas (10 professores e 17 estudantes) dentre

as quais 13 homens e 14 mulheres, com idades oscilando entre 18 e 50 anos. Apresentei-lhes a lista que segue abaixo, pedindo-lhes que, para cada palavra, indicassem uma forma sintética que expressasse quantidade. O primeiro item da lista foi usado como modelo:

menino - meninada  
mulher  
homem  
copo  
prato  
livro  
barulho  
conversa

Dentre as palavras dessa lista havia algumas nas quais se esperava a ocorrência do sufixo -alhada ~ -aiada: homem, copo, prato, livro e conversa.

Desde o primeiro momento, um fato ficou patente: formas envolvendo o sufixo -ada ou -alhada são evitadas, tidas como pejorativas; são "feias", "horrorosas", "estranhas". (5). A questão, portanto, não se colocou em termos de se usar -alhada (ou -aiada) e sim, em termos de se usar esse sufixo ou outro de co notação menos pejorativa do tipo: -eiro, -aria, etc. O fato é que, quando se usou o sufixo visado, a forma usada com unanimidade, praticamente foi -aiada, como se pode ver no quadro a seguir: (6)

ITEM	TOTAL DE USO (-alhada ~ -aiada)	TOTAL COM VOCAL. (-aiada)	% DE VOC.
1. homem	12	12	100
2. livro	17	15	88
3. copo	15	15	100
4. prato	16	14	88
5. conversa	10	10	100

O resultado do teste, tendo em vista o parâmetro sexo foi o seguinte:

ITEM	TOTAL DE USO -alhada ~ -aiada		TOTAL COM VOCAL. (-aiada)		% DE VOC.	
	F	M	F	M	F	M
homem	4	8	4	8	100	100
livro	9	8	7	8	78	100
copo	7	8	7	8	100	100
prato	9	7	7	7	78	100
conversa	5	5	5	5	100	100

Esse resultado apresenta dois aspectos relevantes:

- 1) as mulheres são mais resistentes do que os homens ao uso do sufixo -alhada ~ -aiada
- 2) as mulheres que usam sufixo -alhada -aiada preservam, mais do que os homens, a variante [ t ], especificamente nos itens livralhada e pratalhada.

No cruzamento do parâmetro idade (7) com o fator F (sexo feminino) verificou-se que as mulheres mais jovens preservam mais a variante [ t ] nos dois itens que apresentam alternância, como pode ser visto no quadro abaixo:

ITEM	TOTAL DE USO (-alhada -aiada)		TOTAL COM VOCAL. (-aiada)		% DE VOC.	
	J	A	J	A	J	A
livro	4	5	3	4	75	80
prato	6	3	4	3	70	100

O sufixo -alhada parece, portanto, constituir-se num exemplo de propagação da variante [ t ] por difusão lexical, através de itens de conotação basicamente pejorativa.

NOTAS DO CAPÍTULO 5

- (1) Os resultados dessa tabela são por indivíduo, já que estou lidando com apenas oito informantes. Isto nos impede de ser conclusivos, porque deixa em aberto a possibilidade de haver idiosincrasia; contudo, não nos impede de observar a tendência de certos fatores ao favorecimento da vocalização.
- (2) Apesar desse favorecimento não ser significativo para a análise do conjunto dos dados, ele evidencia características do comportamento feminino registradas por Labov (1976). Se as mulheres são mais atentas às formas de prestígio, é de se esperar que elas desfavoreçam as formas estigmatizadas. Além disso, quando uma forma se propaga, ela o faz através dos jovens, de ambos os sexos. Isso implica que o grupo jovem, do sexo feminino, é menos atento às formas "padrão" do que o grupo adulto. É esse aspecto que a tabela 5.4 e o gráfico 1 evidenciam.
- (3) Nesse ponto chega-se novamente ao indivíduo. É o informante de número 5 que ocupa a célula FJG2 (feminino, jovem, grupo social menos favorecido). A isso se referem também as notas 1 e 2 deste capítulo.
- (4) Um dos itens que apresenta vocalização em G1 é mulher na expressão "muié-macho". Por se tratar de uma expressão praticamente cristalizada, esse item foi excluído na análise do terceiro bloco de dados o que não alterou, todavia os favorecimentos.
- (5) Um dos informantes manifestou-se: "Nesta, eu vou pro pejorativo", e formou: livralhada. A conotação pejorativa dos itens terminados por -alhada, além de ser explicitada pelos informantes, está implícita na recusa expressa por 50% deles em formar palavras terminadas em -ada, como no modelo que lhes foi proposto (já que o sufixo -alhada não foi mencionado em momento algum). Dos 50% que formaram palavras com -alhada, a grande maioria manifestou-se contrária ao seu uso, preterindo-as em favor de formas

analíticas. Esse teste, evidentemente, não pretendeu verificar o uso da forma -aiada. Entretanto é interessante observar que as pessoas fazem uso desta forma de modo mais constante do que imaginam. Uma informante formou o item homaiada, alegando, todavia, nunca fazer uso do mesmo. Alguns minutos após constatou, com estupefação, que acabara de usar o item homaiada para se referir a um grupo de marginais.

- (6) São 27 informantes, mas os dados considerados foram apenas aqueles que envolveram o sufixo -alhada ~ -aiada.
- (7) J (jovem) agrupa os informantes de 18 a 30 anos, A (adulto) agrupa os informantes de 31 a 50 anos.

CONCLUSÃO

O primeiro objetivo desta pesquisa era verificar se o processo de vocalização representa a aplicação de uma regra variável ou um processo de difusão lexical. A análise dos parâmetros estruturais e não-estruturais evidenciou que a variação envolve um processo de difusão lexical, sem apresentar, todavia, um caso claro de reestruturação lexical. Um determinado grupo de itens lexicais favorece a realização da variante [ y ] no grupo social mais baixo. No grupo social mais alto, apenas alguns desses itens favorecem a realização da variante [ y ]. Manteve-se portanto o rótulo de variante para a forma [ y ] porque, mesmo naqueles itens apontados como favorecedores, observa-se, em ambos os grupos sociais, a realização das duas variantes [ t ] e [ y ]. Nesse sentido as análises estrutural e não-estrutural parecem ilustrar a aplicação de uma regra variável que se aplica gradativamente através do léxico.

Quanto ao segundo objetivo que era verificar se o fenômeno apresenta características de variação estável ou de mudança em progresso, observou-se: a análise não-estrutural não apresenta evidência de tempo aparente, quer se considere o conjunto de dados, quer se considere os blocos de itens favorecedores. A falta desta primeira evidência é suficiente para caracterizar a variação como estável.

O terceiro objetivo consistia na caracterização do tipo de diferença social envolvido na realização da variante [ y ]. A análise dos parâmetros não-estruturais demonstrou que essa variante é característica do grupo social menos favorecido, atingindo percentuais próximos a 50%, nesse grupo, contra o máximo de 10%, no grupo social mais favorecido.

A hipótese de trabalho sugeria que a realização de [ y ], no grupo social mais alto, se daria através de itens portadores de mensagens afetivas, de conotação basicamente pejorativa. A análise dos itens favorecedores no grupo social mais alto, principalmente, evidenciou que esses itens podem apresentar conotação pejorativa, mas não de forma exclusiva. O estabelecimento

de uma relação entre o uso da variante [ y ] e a conotação do item lexical em que esta variante se realiza requer uma análise detalhada por item, situação e informante com uma participação efetiva do informante na classificação dos aspectos conotativos dos itens. A busca de uma metodologia adequada para uma descrição deste tipo constitui-se num objetivo pessoal que eu gostaria de estabelecer para um trabalho futuro, tendo por base os indícios que esta pesquisa registra. O estabelecimento das conotações pejorativas dos itens resultou de uma avaliação pessoal, e, portanto, a relação entre uso da variante e conotação positiva ou negativa do item assume a característica de indício, apenas. O teste que foi realizado a partir de um item lexical envolvendo o sufixo -alhada ~ -aiada permitiu que a relação entre aspectos conotativos e realização da variante [ y ] tivesse caráter mais objetivo. A evidência apresentada pelos itens deste teste, sem pretender comprovar a hipótese de trabalho, permite mantê-la.

Finalmente, o objetivo mediato deste trabalho que era abordar a variação lingüística a partir do nível abstrato dos quadros ideológicos se mantém, a partir dos indícios que esta pesquisa apresenta, para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, A. (1967) ESTUDIOS LINGUISTICOS - TEMAS HISPANOAMERICANOS, Editorial Gredos S.A., Madrid.
- AMARAL, A. (1976) O DIALETO CAIPIRA, Hucitec, São Paulo.
- BAKHTIN M. (1986) MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM - PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DO MÉTODO SOCIOLOGICO NA CIENCIA DA LINGUAGEM, Hucitec, São Paulo.
- BLOOMFIELD, L. (1961) LANGUAGE, Holt, Rinehart and Winston, Inc., New York.
- BOURCIEZ, E. (1946) ÉLÉMENTS DE LINGUISTIQUE ROMANE, Librairie C. Klincksieck, Paris.
- CAGLIARI, L.C. (1981) ELEMENTOS DE FONÉTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO, Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do título de Livre Docente, Universidade Estadual de Campinas.
- CARTON, F. (1974) INTRODUCTION À LA PHONÉTIQUE DU FRANÇAIS, Bordas, Paris.
- CHEN, M. e WANG, W. S-Y (1975) "Sound change: actuation and implementation "in LANGUAGE, 51, 2, p.9 - 24.
- DAUZAT, A. (1950) PHONÉTIQUE ET GRAMMAIRE HISTORIQUES DE LA LANGUE FRANÇAISE, Librairie Larousse, Paris.

- HARNECKER, M. (1976) CONCEITOS ELEMENTARES DO MATERIALISMO HISTÓRICO, (editora não mencionada).
- KHRISHNAMURTI, Bh. (1978) "Areal and lexical diffusion of sound change: evidence from Dravidian, in LANGUAGE 54, vol. 1, p. 1-20.
- KROCH, A. (1978) "Towards a theory of social dialect variation" in LANGUAGE IN SOCIETY 7, p. 17-36.
- LABOV, W. (1976) SOCIOLINGUISTIQUE, Les éditions de Minuit, Paris.
- \_\_\_\_\_ (1981) "Resolving the neogrammarian controversy" in LANGUAGE, 57, 2, p. 267-308.
- LALANDE, A. (1983) VOCABULAIRE TECHNIQUE ET CRITIQUE DE LA PHILOSOPHIE, Presses Universitaires de France, Paris.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. (1901) ESQUISSE D'UNE DIALECTOLOGIE PORTUGAISE, Aillaud & Cie, Paris.
- LIMA COUTINHO, I. (1969) GRAMÁTICA HISTÓRICA, Livraria acadêmica, Rio de Janeiro.
- MARCELLESI, J. B. et GARDIN, B. (1974) INTRODUCTION À LA SOCIOLINGUISTIQUE - LA LINGUISTIQUE SOCIALE, Librairie Larousse, Paris.

- MARTINON, P. (1913) COMMENT ON PRONONCE LE FRANÇAIS, Librairie Larousse, Paris.
- MELO, G. C. (1975) A LÍNGUA DO BRASIL, editora da FGV, Rio de Janeiro.
- MENDONÇA, R. (1973) A INFLUÊNCIA AFRICANA NO PORTUGUÊS DO BRASIL, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- NETO, S. S. (1970) HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA, Livros de Portugal, Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, M. A. (1983) VARIATION AND CHANGE IN BRAZILIAN PORTUGUESE: THE CASE OF THE LIQUIDS, Tese de Doutorado, Universidade da Pensilvânia.
- PONTES, E. (1973) ESTRUTURA DO VERBO NO PORTUGUÊS COLOQUIAL, Editora Vozes, Petrópolis.
- RODRIGUES, A. N. (1974) O DIALETO CAIPIRA NA REGIÃO DE PIRACICABA, Ática, São Paulo.
- ROSSI-LANDI, F. (1975) "A linguagem como trabalho e como mercado" in LINGUÍSTICA, SOCIEDADE E POLÍTICA, edições 70, Lisboa.
- SCHAFF, A. (1967) LENGUAJE Y CONOCIMIENTO, Editorial Grijalbo S.A., México.
- SCHANE, S. A. (1975) FONOLOGIA GERATIVA, Zahar editores, Rio de Janeiro.

- TARALLO, F. (1985) A PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA, Ática, São Paulo.
- WANG, W. S-Y (1969) "Competing changes as a cause of residue" in LANGUAGE 45, vol.1, p. 9-24.
- WARTBURG W.v. (1962) ÉVOLUTION ET STRUCTURE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Éditions A. Francke S.A. Berne.
- WEINREICH, LABOV, HERZOG (1968) "Empirical foundations for a theory of Language change" in DIRECTIONS FOR HISTORICAL LINGUISTICS, ed. W. P. Lehman and Y. Malhiel, Austui, University of Texas Press.
- WILLIAMS, E. B. (1975) DO LATIM AO PORTUGUÊS: FONOLOGIA E MORFOLOGIA HISTÓRICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.